

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO
VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES PAULISTAS

PRESIDENTE
DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

26/02/2015

CPI

**VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NAS FACULDADES PAULISTAS
BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

26/02/2015

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Havendo número regimental, declaro aberta a 28ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída pelo ato nº 56 de 2014, com a finalidade de investigar violações de direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades do estado de São Paulo, nos chamados trotes, festas, e cotidiano acadêmico.

Com a presença de Sarah Munhoz, Ulysses Tassinari, Adriano Diogo, João Paulo Rillo damos início aos trabalhos e a leitura do relatório para posterior aprovação.

Com a palavra Dr. Ulysses Tassinari.

O SR. ULYSSES TASSINARI – PV – Sr. presidente, deputado Adriano Diogo, Sra. deputada Sarah Munhoz, nobre deputado João Paulo Rillo, na presente data apresento-lhes uma parte do nosso trabalho, como relator dessa CPI, na forma de um relatório parcial.

Na verdade a eventual aprovação desse relatório parcial não esgota as atividades dessa CPI, pois somente com a aprovação do relatório final é que se dará por encerrado o trabalho da CPI.

Trata-se, no entanto, de uma antecipação dos resultados das suas investigações sobre essa escandalosa situação dos direitos humanos nas universidades paulistas.

E os resultados, senhor presidente, já demonstram que a CPI atingiu em grande parte a finalidade para a qual foi constituída, ou seja, a de colher o maior número de indícios e provas sobre a violação dos direitos humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das universidades no chamado trotes, festas e no seu cotidiano acadêmico, haja vista a qualidade dos indícios coletados e, principalmente, a quantidade de declarações e documentos obtidos, passando da casa dos 5.000 documentos.

Portanto, considero que já temos material o suficiente para serem encaminhadas ao Ministério Público e demais autoridades, para dar sequência nas investigações e adotar as medidas judiciais e administrativas punitivas cabíveis.

Senhor presidente, a despeito de estar repassando a todos os parlamentares da CPI uma cópia desse relatório, para que façam sugestões e considerações a serem encartadas no relatório final.

Apresento em síntese as nossas recomendações de providências a serem adotadas, penso eu, na forma mais urgente possível.

São elas:

- 1) Promover a responsabilização civil, penal e administrativa:
 - 1.a) Das pessoas físicas integrantes da diretoria de todos os Centros Acadêmicos e Associações Atléticas que, de qualquer forma, seja por ação, ou seja por omissão, promoveram atos vinculados a violação de direitos humanos;
 - 1.b) Das pessoas jurídicas, corporificadas por essas entidades associativas, mais o Show Medicina, empresa que organiza o evento com o mesmo nome, entidade privada e detentora de CNPJ;
 - 1.c) Das pessoas físicas e jurídicas e certas das chamadas Liga das Atléticas, entidade que reúne todas as associações atléticas das faculdades de medicina, responsável pela organização de competições esportivas, como a Intermed e a Calomed, que tantos inconvenientes e prejuízos trazem às cidades onde as competições são realizadas.

Tendo em vista haver indícios de que essa liga promove atos ilícitos, tais como organizações de festas e competições esportivas, para as quais aliciam prostitutas e facilita a venda de entorpecentes, bem como encobre vários dos ilícitos penais e civis apontados por essa CPI.

- 2) Revogar todas as leis estaduais que declaram de utilidade pública todos os Centros Acadêmicos e/ou as Associações Atléticas de qualquer instituição de ensino superior, pública ou privada, do estado de São Paulo que não cumpram os requisitos da lei de utilidade pública;
- 3) Pedir abertura de inquérito civil aos Ministérios Públicos, federal e do estado de São Paulo para a apuração de possíveis improbidades administrativas, supostamente praticadas por dirigentes de universidades e faculdades públicas que se omitiram na apuração e omissão dos casos de violação de direitos humanos coletados por essa CPI.

3.1 – Pedir abertura de inquérito civil aos Ministérios Públicos, federal e do estado de São Paulo para apuração de possíveis improbidades administrativas na existência de supostas fraudes nos concursos e processos seletivos de Residência Médica, privilegiando a aprovação dos estudantes que integram como dirigentes Centros Acadêmicos e Associações Atléticas.

- 4) Pedir abertura de inquérito policial às Polícias Federal e Civil do Estado de São Paulo para apuração criminal de todos os eventuais crimes relatados nos anexos que fazem parte integrante a parte inicial.

4.a) Solicitar à Corregedoria da Polícia Civil a apuração da forma de tratamento irregular recebida pela estudante de Medicina da USP Ribeirão Preto, das policiais da Delegacia de Defesa da Mulher daquele município, relativo ao atendimento do seu estupro no campus da USP Ribeirão, em setembro de 2014, narradas nas declarações do dia 20/02/2015.

- 5) Solicitar aos Ministérios Públicos, federal e do estado de São Paulo, para que venham a propor, caso o acervo dê indícios de provas de autoria de materialidades colhidas por essa CPI já sejam suficientes no sentido de apontar a crimes, consumados ou tentados, as devidas ações penais.
- 6) Requerer as receitas do Brasil, do estado de São Paulo e dos respectivos municípios onde estejam instalados Centros Acadêmicos e/ou Associações Atléticas de qualquer instituição de ensino superior, pública ou privada, a análise e apuração contábil dos balanços e movimentação financeira dessas entidades associativas, com o fim de apurar eventuais ilícitos tributários, tais como sonegação fiscal, uma vez que muitos depoimentos dos próprios diretores e tesoureiros dessas entidades nos deram conta de que os balanços eram obscuros, desconhecidos ou realizados em desacordo com as regras do Direito Tributário e da Contabilidade.
- 7) Solicitar ao Ministério Público do estado de São Paulo que instaure competente inquérito civil público, para apurar falha da administração da Universidade de São Paulo, seja por sua reitoria, prefeitura da Cidade

Universitária ou diretoria da Faculdade de Medicina da USP em efetivar administrativa e judicialmente eventuais cobranças por danos ao patrimônio público perpetrada durante festas no campus da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e no teatro auditório onde se realiza o Show Medicina, ante as denúncias contidas nos relatos de depredação do patrimônio público ocorridas durante o espetáculo Show Medicina.

- 8) Encaminhar aos Conselhos Federal e Regional de Medicina pedido para:
 - a) Abertura de sindicância e/ou do devido processo disciplinar com fins de apurar violações do código de ética médica, e punir a participação de médicos em trotes acadêmicos ou eventos similares, bem como em competições esportivas organizadas por estudantes de medicina;
 - b) Recomendar aos médicos que se abstenham de participar de trotes universitários ou eventos similares, bem como em competições esportivas organizadas por estudantes de medicina, salvo na condição de docentes ou para fins de serviço de atendimento médico-hospitalar.

- 9) Encaminhar ao Ministério da Educação pedido para apuração administrativa de todos os fatos relatados a essa CPI com o fim de marcar as devidas sanções legais, dentre elas a intervenção na universidade ou faculdade onde se verificou a prática de tortura e demais ilícitos averiguados por essa CPI.
 - 9.a) Sugerir, ainda, ao Ministério da Educação a fixação de um processo administrativo de exclusão mais célere nos moldes dos procedimentos, via rápida do aluno participante de trote a ser utilizadas por todas as instituições de ensino públicas ou privadas, prevendo formas de ampla defesa e recurso.

- 10) Encaminhar ao Ministério da Educação proposta para criar e/ou alterar o sistema de avaliação das universidades e faculdades de qualquer instituição, pública ou privada, onde seja detectada a ocorrência de trotes universitários acadêmicos violentos, difamantes ou não, com o fim de punir o estabelecimento de ensino com perda de pontos em sua avaliação, bem como para fins de cessar o financiamento público e determinar a exclusão de todos os programas educacionais do governo federal, por exemplo, o Fies.

- 11) Criação de uma Ouvidoria estudantil junto a Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania, para atender todos os casos de abuso e assédio sexual, profissional e moral praticados em todas as instituições de ensino do estado de São Paulo.

Ainda nesta parte, que esta Ouvidoria seja dotada de mecanismos de acesso facilitado a todas as camadas da população, valendo-se para seu funcionamento do uso da Lei Estadual nº 10.177, de 1998, bem como seja dotada de recursos orçamentários para o seu funcionamento.

Por fim, sugere-se que no ato legal de criação dessa Ouvidoria seja conferida toda atenção para o encaminhamento imediato das denúncias que envolvam casos de abuso e assédio sexual, ocorridos dentro das instituições de ensino no estado de São Paulo.

Para tanto, roga-se a disponibilização na imprensa ou em sítio eletrônico da Secretaria Estadual da Justiça e Defesa da Cidadania de um canal de atendimento on-line, onde seja garantido o sigilo das informações.

- 12) Encaminhamento do relatório final ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no sentido de que esse documento auxilie e acompanhe as respectivas instâncias no julgamento de ações civis e criminais que versem sobre os fatos ilegais e irregulares apurados por essa CPI.

- 13) Encaminhar pedido ao senhor Defensor Público Geral do Estado de São Paulo no sentido de se viabilizar plena e célere assistência jurídica pelos defensores públicos às vítimas de abuso e assédio sexuais e morais e demais violações dos direitos humanos apurados por essa CPI, encaminhar ainda, cópia integral desse relatório.

- 14) Encaminhar relatório final ao Congresso Nacional, para que ele tome ciência da situação nessa área específica.

- 15) Encaminhamento do relatório final ao senhor Presidente da República e ao senhor Governador do Estado de São Paulo, com o objetivo de informar a essas autoridades executivas as informações colhidas na CPI, sugerindo às mesmas determinar respectivamente ao Ministro de Estado, competente e

aos Secretário de Estado o maior empenho destas pastas na resolução das demandas envolvendo as questões gravíssimas apuradas nesta CPI.

16) Recomendar às Câmaras Municipais, onde estão instaladas as universidades e faculdades citadas nessa CPI, para que instalem CPIs para apurar mais casos de violações de direitos humanos em face dos alunos e funcionários destas instituições de ensino.

16.a) Sugerir, ainda, às Câmaras Municipais, nesses específicos municípios que instalem subcomissões de direitos humanos permanentes, para receber denúncias de violações de direitos humanos em face dos alunos e funcionários dessas instituições de ensino e as encaminhe à Assembleia Legislativa e aos Ministérios Públicos, estadual e federal.

Sugestões especiais desse relatório da CPI:

17) Recomendar ao Ministério Pública do Estado de São Paulo, de forma especial e urgente, a promoção de apuração de gravíssimos indícios de violações de direitos humanos e outros ilícitos, civis e penais, observada a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, a PUCCamp, tendo em vista os relatos que acompanham esse relatório, sobretudo os prestados no último dia 23/02/2015, no plenário da Câmara Municipal de Campinas pela professora Lúcia Maria Quintes e por alunos daquela universidade em declarações prestadas nos dias 07/01/2015 e 23/02/2015, contidas no Anexo I deste relatório.

18) Encaminhar cópia desse relatório a Sua Santidade, o Papa Francisco, seja diretamente, seja por intermédio da Nunciatura Apostólica, instalada em Brasília, Distrito Federal, Papa esse que tem se mostrado um dos maiores defensores dos direitos humanos dentro da estrutura e hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana.

Pelo fato desta CPI ter provado gravíssimas violações de direitos humanos perpetradas nas faculdades de medicina das duas principais universidades vinculadas a Cura Católica, quais sejam a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde foram abundantemente apontados e relatados horripilantes casos de tortura e uso de álcool e drogas.

Bem como foram detectadas a indevida interferência de pessoas estranhas aos quadros, seja da Igreja Católica, seja das próprias universidades na condução e administração destas.

19) Encaminhar...

O SENHOR PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí só tem um destaque que a gente precisa fazer, que não é só Medicina, todas as faculdades das Universidades Católicas, só isso, só isso de observação. Desculpa. Prossiga Dr. Ulysses.

O SR. ULYSSES TASSINARI – PV – 19) Encaminhar cópia desse relatório a Organização dos Estados Americanos, OEA, através da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da sua Corte Interamericana de Direitos Humanos, órgãos incumbidos de monitorar e implementar os direitos humanos nos países aderentes a Convenção Americana de Direitos Humanos, mais conhecido como Pacto de São José da Costa Rica, convenção esta que o Brasil é signatário desde 1992.

O Encaminhamento tem por finalidade apurar, de forma independente autônoma as violações de direitos humanos praticadas nas universidades do estado de São Paulo, e omitidas ou desconhecidas do grande público e da comunidade internacional.

Visa, ainda, provocá-la no sentido de verificar a possibilidade de apurar eventuais supostos crimes de tortura que foram averiguadas por esta CPI no desenvolvimento dos seus trabalhos, buscando com isso o reconhecimento da comunidade internacional sobre as graves denúncias de violações dos direitos humanos nas universidades paulistas.

Bem como reclamar algum tipo de punição a todos os envolvidos em mais esta tragédia brasileira.

20) Encaminhar a Egrégia Mesa, para que a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo disponibilize de forma didática e por meio de hiperlink o presente relatório parcial e o consequente relatório final desta Comissão Parlamentar de Inquérito, a ser consultado em plataforma própria da internet.

É este o relatório parcial.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, feita a leitura do relatório produzido pelo deputado relator, Ulysses Tassinari, eu, imediatamente, ponho em votação esse importante documento.

Parabenizando todas as pessoas da Assessoria que contribuíram, e os alunos, os professores, e parabenizar o Dr. Ulysses, como médico formado na Faculdade de Medicina da USP, da Pinheiros, de ter tido a coragem, a coragem, de ser o relator desta Comissão, não tem preço a relevância de ter um médico, formado na Pinheiros, como relator dessa Comissão.

E com a pessoa que o Dr. é, que Dr. Ulysses é, e o que ele representa para todos nós.

Então vou colocar em votação e tem que ser votação nominal, tem que ser votação nominal dos presentes.

Não chegou mais nenhum deputado, para que eu possa participar da votação, então vamos lá. Como vota Ulysses Tassinari?

O SR. ULYSSES TASSINARI – PV – Voto pela aprovação do relatório.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como vota João Paulo Rillo?

O SR. JOÃO PAULO RILLO – PT – Voto com o relator, pela aprovação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Como vota a deputada Sarah Munhoz?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Com o relator, porém vou apresentar alguns destaques posteriormente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Posteriormente.

Como vota o jovem deputado Ulisses Sales, do PSDB?

O SR. ULISSES SALES – PSDB – Voto com o relator pela aprovação do relatório.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Também, na qualidade de presidente desta CPI, voto pela aprovação integral do relatório.

Em havendo algum adendo, alguma supressão, teremos mais 15 dias pra fazer, porque inclusive hoje vamos colher um depoimento importantíssimo lá de São Carlos, da Universidade Federal.

Então, porque que esse documento está sendo aprovado hoje, 15 dias antes da conclusão dos trabalhos? Porque ele vai ser imediatamente enviado ao procurador geral do estado, para que não haja nenhum processo de interrupção ou de atropelamento dessa Comissão.

(Ininteligível.)

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã? Então vamos lá. Então está aprovado por unanimidade dos presentes o relatório desta CPI.

O SR. ULYSSES TASSINARI – PV – Parcial.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Relatório parcial dessa CPI. Muito obrigado, obtivemos o quórum, essa parte da sessão está encerrada. Obrigada Ulysses.

Tem algum requerimento de urgência pra aprovar, na presença dos deputados que vieram, por favor? Alguma emergência, não precisa coercitiva, nada?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã? Quem?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não? Tudo bem? Alguma emergência?

Bom, os deputados estão na Casa, vai? Se houver uma coisa supra, tanto o Rillo, como pro deputado Ulysses, estão na Casa. Vamos lá?

Rillo, muito, muito, muito obrigada.

E aí você ainda entrou na foto ainda hein. (Risos.) Vamos interromper a sessão por cinco minutos e aí a gente vai ouvir as companheiras que vieram lá de São Carlos.

Edson Marques, procuradores, todo mundo, muito, muito, muito obrigado. Você é um companheirão, viu? Valeu.

O SR. ULYSSES TASSINARI – PV – Tem alguém pra dar depoimento hoje?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem, já vai começar.

* * *

A sessão está suspensa por cinco minutos.

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá menina, vamos começar? Pode vir pra Mesa.

Vamos lá, senta aqui, você aqui, a sua advogada.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vamos lá de novo, (Ininteligível.)?

A SRA. – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode ficar aqui, ao lado da menina.

Bom, vamos preparar o coração?

Olha, os jornalistas, Diário Oficial, tem um texto que já está aprovado, o texto já está disponível, tá? Tudo bem? Tá disponível e tem cópia pra todo mundo é só pedir.

Bom, vamos começar, preparem o coração. Você se apresenta...

Reaberta a sessão. Nós vamos ouvir hoje a Taís, você fala o seu nome completo, a universidade que você está.

Então hoje é uma tipificação completamente diferente de todos os casos que nós tivemos na CPI. Qual é o caso hoje? É o caso de professores, orientadores, que são acusados, todo cuidado na redação no Diário Oficial, hein?

São acusados ou são... São acusados de terem criado processos de constrangimento no ambiente acadêmico para o desenvolvimento da vida acadêmica, seja na graduação ou na pós-graduação, que aí é que está a diferença.

Professor, orientadores, que para que o aluno ingresse na vida acadêmica na pós-graduação, possa sofrer algum tipo de constrangimento, de submissão ou de violência sexual.

Então é um assunto delicadíssimo, felizmente a depoente, ela está consciente do processo dela, ela não vai exigir nenhuma preservação de imagem, de voz, ela assume integralmente o que ela vem depor.

Então, ela veio de São Carlos, e ela passou por um sofrimento duríssimo, prolongado e vai ser um depoimento muito forte, muito forte.

Então eu peço a atenção de todos, bastante concentração, silêncio, porque hoje eu não sei nem se no nosso relatório estava previsto esse tipo de relação professor/aluno/orientador, que é um outro mundo que a gente nem conseguiu e hoje nós vamos falar de uma universidade federal.

É o primeiro depoimento, não é na área de Medicina, é na área de Ciências Sociais.

Bom, daqui um pouco eu que vou virar o depoente, então você faça toda a sua apresentação pessoal, onde você nasceu, onde você estudou, com quantos anos você entrou na graduação, em que ano, e vai desenvolvendo com muita calma esse seu depoimento.

Com a palavra. Fala seu nome completo, sua idade, e vamos lá.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Boa tarde. Meu nome é Thais Santos Moya, eu nasci em Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo.

Eu iniciei minha graduação em Ciências Sociais em 2002, foi quando eu mudei para São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos.

Eu... Tem algo mais que você queira saber da minha apresentação?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala da sua história como jovem aqui em Mogi das Cruzes, onde você estudou, como é que você foi pra São Carlos.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim. Eu...

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu nasci e cresci em Mogi das Cruzes, eu frequentei escolas particulares, tive uma formação calvinista presbiteriana, acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode falar, pode falar, Thais.

Bom, daí você entrou em São Carlos em que ano?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Dois mil e dois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que curso?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ciências Sociais.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos anos você tinha?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Dezoito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então vai, começa a contar. Você morava sozinha lá, né?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim. Eu vou... Tentei, mas como é uma história longa, eu tentei fazer o meu relato de uma maneira mais compreensiva possível.

Eu vou fazer uma apresentação rápida pra quem não sabe absolutamente nada sobre mim, porque o meu caso foi publicizado no *Facebook*, e teve uma repercussão nacional, com mais de 40.000 compartilhamentos, comentários, enfim...

Eu, depois de um processo de silenciamento, de repressão do programa e dos professores para abafar e silenciar as denúncias que eu havia feito numa pesquisa anônima, eu fiz um protesto na minha página do *Facebook*, e ela se tornou um viral e tomou uma repercussão bem grande.

E eu queria aproveitar que eu estou num espaço político e formal, público, o senhor presidente da Comissão falou que é o primeiro caso que trata de professores e alunos e...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Arruma um microfone sem fio pra ela ficar um pouco mais a vontade. Continua, depois vai chegar o microfone.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu gostaria, já no início, de fazer mesmo um apelo ao Ministério da Educação nesse sentido, porque quando eu publicizei o caso, eu não imaginei que ia ter essa repercussão, e eu recebi milhares de relatos, tanto privados, no famoso “in Box”, quanto nos próprios compartilhamentos, de pessoas, alunos que viveram situações de abuso, de assédios.

E ficou evidente que é uma questão que não é uma questão isolada, que não aconteceu só comigo, ou com meia dúzia de estudantes. No país é um caso que ocorre de maneira geral no território brasileiro.

Isso, apenas dez minutos olhando os compartilhamentos do meu protesto no Facebook, você percebe que é uma questão nacional, então o meu apelo é para que o Ministério da Educação se coloque ciente dessa situação e que não fique aqui, restrita ao estado de São Paulo.

Porque não são casos isolados, mas o que tem de isolado nisso tudo, que é muito evidente, é a tônica do medo e do silenciamento, de todas as pessoas que relataram as suas vivências de abusos, elas disseram que não fizeram nada ou se fizeram foram amedrontadas e silenciadas e perseguidas.

Então o meu apelo é que o Ministério da Educação se coloque ciente disso e que tome uma providência e que é muito importante que haja instâncias formais e adequadas, com profissionais capacitados para receber, acolher as pessoas que em sua maioria são mulheres e não se colocar em uma postura isenta, não é?

Porque a partir do momento que isso se torna uma pauta nacional, na minha concepção, a isenção ela acaba se tornando convivência, então meu apelo é de que o Ministério da Educação se posicione e inicie uma postura sobre isso.

Eu quis falar isso no começo, porque depois são tantas coisas, que eu fiquei com receio de esquecer.

Bom, eu vou iniciar. Como eu disse, eu vou descrever com detalhes as questões dos assédios, dos abusos, mas antes eu vou iniciar, o processo que ocorreu no final desse ano, do ano passado, pra que fique mais compreensível o porquê que eu cheguei na situação de me expor na rede social e depois eu retomo os assédios em detalhes.

Eu vivenciei, eu tenho vivenciado situações desde 2010 e eu nunca me senti segura para expor de maneira formal, até porque as instâncias são muito precárias. Na universidade, por exemplo, tem uma Ouvidoria, mas não é nenhum profissional capacitado e as coisas... Enfim, a gente sabe que não tem. Não se sente segura, é óbvio.

E eu sempre me senti receosa, porque eu tinha uma relação de orientação desde 2002, então eu sempre me senti responsável pelo que aconteceria com a carreira, não só com a minha carreira, mas com a carreira do meu professor, com a carreira dos professores do programa, dos meus colegas de trabalho.

Enfim, estou contextualizando isso porque no dia 29 de maio de 2014, a coordenação do programa mandou um e-mail com um link, uma pesquisa chamada Survey, pros alunos responderem fazendo uma avaliação sobre o programa e dentre as perguntas tinha um questionamento sobre a relação de orientação/aluno, a relação da coordenação, enfim, o cotidiano e como a gente avaliava o programa.

Nesse meio, que a coordenadora, a professora Jacqueline Sinhoretto, ela deixou explícito, vou até ler o que ela falou.

“A opinião dos discentes é muito importante para a avaliação interna e planejamento de ações.

Este link está vinculado de maneira exclusiva a esta pesquisa e ao seu endereço de e-mail, apenas para assegurarmos que não serão respondidas por pessoas alheias ao corpo discente.

Os respondentes não são identificados.

As respostas questionadas ficarão vinculadas ao e-mail, o que assegura o anonimato das pessoas.”

Bom, isso foi em maio do ano passado e foi quando eu me senti... Porque eu tava... Depois de tantos anos eu me sentia muito mal de não ter feito nenhuma coisa formal.

E de que eu defenderia o meu doutorado, eu sairia da universidade depois de 13 anos sabendo que outras pessoas passam pelo que eu passei e que eu seria mais uma que tive medo e não fiz nada, então nesse *Survey*, nessa pesquisa anônima, eu me senti segura e eu escrevi os relatos do que tinha acontecido.

Bom, pra minha surpresa no dia 14 de outubro, ou seja, alguns meses depois, a pesquisa foi divulgada para todos os estudantes do programa, são mais de 200, inclusive estudantes que já não estão mais vinculados ao programa, que já defenderam, e com todas as repostas na íntegra.

Então todo o meu relato dizendo que eu tinha sido abusada, agarrada pelo meu professor, que eu tinha... Enfim, foram distribuídos, veiculados e no dia seguinte a coordenadora, a mesma professora, Jacqueline Sinhoretto, fez uma...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso aconteceu quando?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Em 14 de outubro de 2014.

Dáí no dia seguinte ela fez uma reunião com os alunos e disse que... Falou sobre essa pesquisa, falou que a pesquisa estava ótima, que a coordenação estava desconsiderando os alunos matriculados antes de 2010, que eu sou matriculada em 2009, não explicou porque e falou que a única demanda mais séria era a respeito de finanças, assim, mais bolsas, financiamentos pra pesquisas.

Como a pesquisa tinha sido divulgada pros estudantes, eles começaram a ler e perceberam que não estava tudo bem, que tinham relatos muito sérios, e se organizaram e começaram a mobilizar uma atitude frente aos professores para que eles explicassem o que estava acontecendo e como é que ia ser lidado com a questão dos relatos.

Isso eles organizaram, fizeram reuniões, foram reuniões com uma presença alta pro costume das reuniões de alunos.

Decidiram fazer uma carta, na verdade duas cartas, uma pra falar sobre essa questão do *Survey* da pesquisa e uma outra porque eles haviam modificado o regimento interno do programa numa Assembleia Extraordinária, e mudaram os critérios de distribuição de bolsas e uma aluna do mestrado foi prejudicada, eles aplicaram a mudança de regra retroativamente.

E a aluna está num processo de depressão, ela está muito doente e ela teve dificuldades no semestre anterior para desenvolver as suas atividades, e eles ignoraram o fato dela ter apresentado relatórios e tal e criaram uma nova regra e aplicaram sobre ela retroativamente.

Então eles apresentaram essas duas cartas os estudantes e eu vou... O senhor é o relator, não é?

Esse é o e-mail falando sobre a pesquisa, essa é a carta que os estudantes fizeram sobre a regra ter sido aplicada retroativamente e prejudicado a aluna que não recebeu bolsa. Essa é a carta sobre a questão da pesquisa que foi divulgada para todos os estudantes, comprometendo o anonimato, que eu não sei se isso ficou compreensível, porque quando se faz uma pesquisa, um *Survey* e tem perguntas abertas e você responde com um texto, metodologicamente dentro das Ciências Sociais você tem que categorizar.

Você lê as respostas e entrega o relatório com as categorias, o que não foi feito, foi feito com os relatos brutos de todos os estudantes, inclusive os meus.

Quando as cartas foram entregues, o clima ficou insuportável, porque os professores começaram a procurar os seus alunos, os seus orientandos, a pressionar mesmo, tanto dentro da universidade, quanto em bares, lugares que encontravam e ficou uma situação bem complicada.

Tanto que a gente marcou, os estudantes, a gente, os estudantes, nós marcamos uma reunião para discutir sobre o que seria feito, até porque o professor, que no momento era o coordenador interino, o professor Richard Miskolci, que era um dos que eu coloquei como...

Dentro dos meus relatos era um dos professores que estava sendo colocado como, de alguma maneira, tinha abusado de um orientando, vou explicar, mas em seguida.

Ele marcou uma reunião para o dia 10 de dezembro com os estudantes. A gente fez uma reunião no dia 03, estava todo mundo muito nervoso, os estudantes, muito preocupado, porque a gente estava sendo pressionado e estava sendo bastante... Todo mundo preocupado com a sua própria carreira e com... Enfim, porque você depende do orientador e tal.

Nessa reunião o número de estudantes que iam frequentemente dobrou, assim, tinha quase 40 alunos na reunião e estava muito evidente que eram alunos que estavam

lá a mando dos seus orientadores, sabe? Pra desmobilizar o movimento que estava em seguimento.

A gente fez essa reunião, e o que a gente tinha definido, desde o início, a intenção nunca foi personalizar as questões do relato, a intenção era que houvesse um diálogo e que essa questão do abuso, do assédio, fosse discutida no programa e na universidade como um todo.

E os estudantes, a gente fez uma proposta, uma carta de proposta de que o ano de 2015 fosse desenvolvido um cronograma sobre o assédio no programa de Sociologia da UFSCar.

Então com palestras, que a gente buscasse profissionais, a gente sabe que a Universidade Federal de Santa Catarina já desenvolveu toso um processo com questões de assédio, técnico-administrativos.

E a gente fez essa proposta e no dia 10 de dezembro, antes da reunião que o professor tinha agendado, houve uma reunião de coordenação de pós-graduação, que é com os professores e os representantes discentes, na qual os representantes discentes tentaram apresentar a nossa proposta, do cronograma e do diálogo sobre assédio.

Só que, o que foi dito para eles é que eles estavam muito irritados com a carta, eles reclamaram inclusive de verbos que a gente usou, porque na carta finaliza com... Os estudantes falam “Exigimos que haja uma resposta até tal data e tal.”

Porque isso, quando a gente, os estudantes, nas outras oportunidades que a gente escreveu carta para a coordenação, elas eram ignoradas, a última tinha sido completamente ignorada e por isso que houve uma discussão, até, de usar o termo exigir, que no uso social não é muito comum, mas eles ficaram ofendíísimos e disseram para os representantes discentes que não haveria diálogo algum se a carta não fosse retirada e que eles iam ser processados, como representantes discentes, porque eles representavam tudo, que eles respondiam por tudo o que os estudantes faziam.

Bom, até aí a gente não sabia disso, porque a reunião foi uma seguida imediatamente da outra e quando a gente chegou para a reunião estavam quase todos os professores do programa, de 10 a 12 professores, uns 40 alunos e todo mundo muito aflito, porque foi imediatamente depois da CPG.

A representante discente, Tainá, ela saiu chorando da reunião, dessa CPG, aos prantos foi ao banheiro, o outro representante, o Leandro, ele também estava muito mal, muito pálido, não queria falar, então a gente entrou para a reunião tenso já, e o que

aconteceu é que começou a reunião e a gente tinha chamado representantes da APG da universidade, tanto é que eles tinham até apoiado as cartas.

Eles foram convidados a sair da reunião, quem solicitou, inclusive, foi o meu próprio ex-orientador, porque eles queriam fazer uma conversa, vocês vão ouvir isso no áudio que a gente gravou, porque a gente estava numa situação tão... De tanta coação, inseguros, que uma das estudantes de doutorado do programa, que faz inclusive Direito na USP de Ribeirão, os colegas tinham orientado a gente a gravar a reunião, porque a gente sabia que seria bastante difícil, que poderia acontecer qualquer coisa.

Então além de mim, mais três estudantes, que eu saiba, que eu tenho conhecimento, também gravaram a reunião.

E eu vou contextualizar, para vocês entenderem, mas peço para que seja colocado, porque por mais que eu descreva, eu não consigo passar o clima de terror que a gente ficou.

Eles expulsaram os representantes da APG e deram a palavra para uma professora, que falou em nome do corpo docente, daí vocês vão ouvir.

Ela, entre outras coisas, disse que conhecia o professor há mais de 20 anos, que ele era um homem socialmente comprometido, assim, com as causas sociais, quero dizer, comprometido com as causas sociais, e que era um homem galante e que ela tinha certeza que não era verdade o que eu tinha falado, isso na minha frente, assim, a menos de um metro, eu fiz questão de colocar a minha cara na cara dela e ela falou isso.

Sem nunca, resalto até, nenhuma atitude do programa do corpo docente de me procurar para me ouvir, então ela já falou que era mentira sem nem sequer me ouvir. Então ela disse o nome das pessoas, porque até então os relatos eram anônimos.

Embora tivessem sido divulgados, e as pessoas deduzissem, ela falou o nome dos professores, ela disse que a gente estava numa onda de denunciamento, vocês vão ouvir, ela falou que...

Todo esse processo, que inclusive resultou nessa CPI, eles chamam de “Onda de Denunciamento”, chegam a comparar com o fascismo, e, resumindo, além de falar que era mentira, falaram que só iam conversar com a gente se houvesse a retirada da carta, caso contrário eles iriam embora e iam largar a gente lá.

E depois, eu fui a única que tentei ainda reverter a situação, eu falei alguma coisa, vocês vão ouvir. Depois o meu próprio professor falou pra gente ouvir os representantes discentes, porque eles estavam a par do que tinha sido conversado na

CPG, foi quando a gente soube, quando eles saíram, e daí os representantes discentes falam que eles tinham sido ameaçados de serem processados.

Daí eles colocaram os estudantes ou apoiavam a carta e os relatos, uma postura do programa, ou colocavam os representantes discentes na berlinda.

Por mais que a gente soubesse no momento que era uma chantagem, que judicialmente não tinha amparo, a situação se tornou insuportável e democraticamente inviável qualquer debate ali, mas vocês vão ouvir, tem uma transcrição pra vocês acompanharem.

Enquanto vocês colocam, algumas coisas que são importantes eu dizer, que horas antes dessa reunião a representante discente, como eu disse, teve a reunião com os estudantes e a representante discente chorou, dizendo que ela estava sendo muito pressionada por ambos os lados, professores e estudantes, e que ela disse que estava um clima muito ruim, que tinha que tomar cuidado, porque... Eu não sei se eu posso falar palavrão.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Que falaram que os professores estavam dispostos a “foder” comigo e daí numa conversa mais particular depois da reunião, ela falou isso na frente de todos os estudantes.

Eu fui perguntar, porque eu estava preocupada, até com a minha integridade física, e ela disse que eles estavam ameaçando de me processarem por causa dos relatos, sendo que, até então, eram anônimos, segundo eles.

É o áudio, se você quiser por a transcrição para as pessoas acompanharem, mas...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, porque aí a gente ouve o tom da...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu acho melhor colocar o áudio, porque a palavra escrita, ela é morta, não faz muita razão da gente entender e se ela pode passar o áudio eu acho que fica melhor pra gente.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É essa daí, reunião.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Reunião – parte 1.

O ÁUDIO –

O SR. – Então pra começar eu vou...

O SR. – Eu acho que tem um período da reunião que seria bom se estivessem só pra...

O SR. – O convite foi para os discentes em Sociologia.

O SR. – Na verdade a gente veio como a APG, uma associação dos pós-graduandos.

O SR. – Sim.

O SR. – O contato com o pessoal do programa.

O SR. – Não tem nenhum problema, eu só acho que é uma discussão anterior e dependendo da solução...

A SRA. – Quem sabe interesse a vocês.

O SR. – Sim, não, é... Acho que se o coletivo entende que (ininteligível.)

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera um pouquinho só, suspende um pouco essa gravação, espera um pouquinho, suspende um pouquinho, ta bom? Vamos voltar do início.

Olha pessoal, queria pedir para os jornalistas aqui presentes, eu vou fazer uma síntese, para vocês entenderem e aí entra no contexto da gravação, mas embora isso esteja gravado, não transcrevam, estou falando pra menina do “R7” também, que está entrando agora.

Eu vou fazer uma síntese para vocês entenderem a contextualização, mas eu não queria que isso fosse destaque do depoimento, mas preciso fazer um resumo, pra vocês entenderem onde nós vamos entrar.

Acontece o seguinte, essa menina chega com 18 anos em São Carlos, era uma aluna brilhante que faz a graduação, vai pra pós-graduação. Quando ela vai para a pós-graduação ela tinha que ter um orientador. Ela é acolhida e começa o programa de pós-graduação dela. Teve um problema de saúde nesse caminho, mas a vida continuou.

Aí, e é aí que eu peço que vocês tomem cuidado, e eu estou falando até para protegê-la diante dessa exposição, ela sofre um enorme assédio do orientador, muito, muito forte, o que agrava, inclusive, o quadro de saúde dela.

Ela não aceitando o assédio, e as condições que ele estabeleceu, ele corta todos os vínculos e todas as possibilidades dela continuar na cadeira acadêmica, e pior, teve uma crueldade, que ele põe professoras, ele não faz isso direto, ele põe um *bypass*, ele faz um biombo, ele pega, usa as professoras para ir tirando bolsas e os programas de trabalho dela, até um isolamento total, alegando que devido às condições de saúde dela, ela não tinha a mínima condição de continuar na carreira científica, na carreira de pesquisadora.

Então o contexto dessa gravação vem disso, que ela gravou o jeito que um determinado dia, ele não tendo coragem pra dar a notícia direta, evidente que ele sabia de todo esse mundo que tinha no meio, ele colocou as professoras pra dizer que ela não tinha mais condição de continuar com esse vínculo.

Então foi perdendo bolsa, projeto e tal, até levá-la ao isolamento total, aí, diante de tanta crueldade, ela resolveu colocar isso pra humanidade.

Embora... Como essa CPI dura muito pouco, é uma coisa muito corriqueira no meio da pós-graduação, mas, como nós não tínhamos chegado na pós-graduação, ela mesma fez um contato conosco.

E é uma coisa muito importante, você vê que ela está aqui muito segura, sem aquele negócio que tem de desfocar a voz o rosto, pra falar, olha, se na graduação existe, imagina na pós-graduação.

Então eu fiz essa síntese, quero homenageá-la, pela sua coragem e que agora você possa contextualizar melhor esses documentos, porque você imagina que o sofrimento era tão grande, tão grande, tão grande, que o relato dela quase dia-a-dia, quase que é dia-a-dia.

São anos de sofrimento que ela fala numa narrativa do dia, do dia, do dia e ela sabe isso de cor. De cor. Você pode falar com ela, ela fala as horas e na hora tal aconteceu isso, na hora tal aconteceu isso, no dia tal aconteceu isso, no dia tal aconteceu isso, então é isso que essa moça, essa menina, com 18 anos, 18 anos que ela entra em São Carlos, e desde essa época que ela está sendo assediada.

Vamos lá, com a palavra.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu quero fazer uma...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Dra.? A Dra. está... Pega o microfone e se identifica, porque eu acho que ela quer te ajudar.

Empresta um pouquinho. A Dra. está acompanhando ela, fica de frente.

A SRA. FERNANDA MARTINS – Senhor presidente, o senhor me permite, na verdade eu só queria contextualizar essa reunião...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala o seu nome, por favor.

A SRA. FERNANDA MARTINS – Meu nome é Fernanda Martins, eu sou advogada da Thais, sou advogada constituída dela.

Eu gostaria de contextualizar, na verdade, de contextualizar essa gravação, porque depois que a Thais foi vendo que os seus relatos não surtiram efeito, inclusive o relato anônimo, ele foi tornado público, então foi feito a carta de denúncia, a denúncia dos discentes, para que o programa tomasse alguma atitude.

Então qual vai ser a resposta do programa? O programa foi indagado, nós estamos aqui relatando casos de abuso e o programa fez o quê? Então na verdade essa reunião, a resposta do programa foi falar “Retirem a carta.” E aí eu acho que a gravação ela sintetiza melhor.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível), um pouco mais, porque ela está tão emotiva, está tão tremida ainda...

A SRA. FERNANDA MARTINS – É, eu acho que é assim, terminando de ouvir isso, porque na verdade a oitiva, ela é super importante, porque, assim como a deputada falou, as palavras são muito pesadas, mas é a “Onda de Denuncismo”, na verdade chega até essa CPI, infelizmente.

Então a gente... Depois disso é que a Thais, vendo que o programa não ia apoiá-la, ela fez uma denúncia pública. É importante que a gente saliente isso, ela sempre tentou os meios institucionais e infelizmente teve que chegar a essa situação e a exposição dela e a doença dela, e todo o problema que ela está vivendo, isso foi causado pelo departamento, que não deu voz, pelo programa que não deu voz a ela.

Eu acho... Pra continuar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, muito obrigado.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Obrigada. Um adendo, antes da gente continuar, nesse meio tempo, em que a carta dos discentes foi entregue para o programa, pros professores e até essa reunião, eu disse que os professores pressionaram os orientandos, foram atrás e tal, até tem um exemplo aqui, a professora Jacqueline Sinhoretto, que é coordenadora do programa e na época estava em Paris, fazendo, acho, que um pós-doc., ela postou na página dela a seguinte coisa.

“Os pesquisadores do processo de acusação se tornam acusadores implacáveis. Os pesquisadores quir(?)”, esses temas são temas do nosso programa, ou seja, ela está fazendo referência direta aos pesquisadores de programas, aos estudantes e linhas de pesquisas que a gente trabalha.

“Os pesquisadores quir criam a expressão sensual, estudam para reprimir melhor, e Foucault a essa hora tomando um porre no frio do inverno.”

Isso ela postou na página dela, a gente, os estudantes, fizeram um *print*, e ainda nesse ínterim ela mandou vários e-mails, para todos os orientandos dela deslegitimando os relatos, falando que era uma expressão sensual, se referindo...

O meu ex-professor é um homem negro, ela insinuando que era uma atitude de racismo, falando que eu tinha criado uma grande fábula do agressor negro, que foi um beijo mal dado, nesses níveis.

Eu estou falando desses e-mails porque a orientanda Letícia Canonico, que recebeu esses e-mails, ela está disposta a depor e a mostrar esses e-mails. Ela já se dispôs a depor tanto na Comissão de Averiguação que está tendo na universidade, e aqui, se vocês tiverem interesse, ou depois né, porque já está acabando.

Enfim, a reunião a gente pode voltar agora. Está meio tremido, mas depois, acho que a fala mais importante, é a da professora Anete Abramowicz e dos representantes discentes também é audível.

O AUDIO –

O SR. – Não, não, então pra começar eu vou...

O SR. – Todos aqui são do programa.

O SR. – É, isso é importante.

O SR. – Eu acho que tem um período da reunião, seria bom que estivesse só o programa.

O SR. – O convite foi para que os discentes, não só o programa de Sociologia.

O SR. – Não, na verdade que não veio só eu, vim com a Cris, como APG, uma Associação dos Pós-Graduandos, entrou em contato com o pessoal do programa.

O SR. – Não tem nenhum problema. Eu só acho que é uma discussão anterior a isso, dependendo da solução.

A SRA. – É do interesse de vocês.

O SR. – Não, sim, é... Se o coletivo entende que sim (ininteligível).

A SRA. – É que nós estamos na verdade, representando aqui, com os pós-graduandos, nós não estamos aqui como ouvintes de outros programas, enfim...

A REUNIÃO – (Ininteligível.)

O SR. – (Ininteligível), mas a informação inicial era os discente e os docentes do programa.

O SR. – Há um engano, nós fomos comunicados pelos discentes para estar aqui, então pode ser que os discentes entendam que a gente deva estar, tá... Só isso.

O SR. – Nós combinamos isso em assembleia dos discentes da Sociologia?

O SR. – Não, não combinamos não. Não teve nada nesse sentido.

A REUNIÃO – (Ininteligível.)

O SR. – A parte que a gente está, agora no começo e depois e depois...

A SRA. – Não, mas isso aqui não é uma assembleia, é uma reunião do programa.

O SR. – Muito estranho, não? Então, dando início então a reunião eu vou anotar as falas e tudo, mas para estar começando, a gente teve uma discussão prévia, como foi anunciado, a gente já tinha mandado por e-mail, e nessa discussão prévia a gente teve uma posição e a gente gostaria até mesmo de iniciar a reunião com essa posição, que é a resposta.

E no caso, a professora Anete vai representar a posição.

A SRA. ANETE ABRAMOWICZ – Boa tarde.

A REUNIÃO – Boa tarde.

A SRA. ANETE ABRAMOWICZ – *Eu, quando vim para essa reunião, não esperava, mesmo porque eu não sou uma professora orgânica do centro do PPG.*

Mas eu achei que era muito importante a minha vinda, eu participo de algumas reuniões do programa, porque eu acho que o programa foi sangrado, e as pessoas foram sangradas a partir deste documento.

E a partir desse documento, que aparentemente anônimo, ele é totalmente pessoal. Todo mundo sabe quem disse, todo mundo sabe o que está sendo dito e o que me moveu aqui foi uma absoluta solidariedade.

Que eu tenho uma história de pelo menos 20 anos com o Valter e com o Richard. O Valter, em especial, eu li aquele documento e sabendo que o Valter é um homem galante, sei também, absolutamente, de que poucos homens eu conheci com tamanha sensibilidade para as questões minoritárias.

E sabendo que esta pessoa que o acusa faz parte desse grupo minoritário, eu não tenho a menor dúvida de que isto que está escrito nesse documento não é verdade.

Outra coisa que me impressionou nesse documento é de que é um contexto social que está se espalhando por todas as universidades, de acusação e eu acho incrível que a gente não perceba essa atmosfera social que está acontecendo e que está inflitando em várias universidades.

Várias universidades estão vivendo este tipo de coisa e eu acho que a gente tem que ficar atento pra saber que sintoma é esse, e eu acho que é um sintoma que está trazendo... Que na verdade ele está indo contra a própria universidade.

E eu fico curiosa, como que a inflexão dessa atmosfera social denunciata e fascista, que eu acho que está ocorrendo na sociedade brasileira, inflecte neste programa nas duas pessoas que são o coração da temática desse programa, que é um gay e um negro, cuja temática é a diferença.

Então eu fico super impressionada de como que a questão central desse programa, o que faz ele ser original e diferente, é a temática da diferença, é justamente sob os dois caras que representam a diferença desse programa que estão sendo acusados.

E aí eu acho que a gente... Eu acho que um documento como esse, e só mais um detalhe, eu acho que a gente tem que tomar cuidado, porque a gente está sangrando e tentando matar esses professores em programa, porque veja bem, isso já não é uma questão local, isso já é uma questão nacional.

Porque o documento circulou nacionalmente, quer dizer, nós estamos matando socialmente nosso programa, matando o coração do nosso programa a partir de uma coisa que eu acho que é um certo empoderamento de algumas minorias, quer dizer, é como se uma própria minoria acusasse outra.

E eu acho que no fundo dessa luta de entidades, elas são fascistas.

Eu acho outra coisa, para terminar, assim, é muito difícil estar falando com vocês, eu acho que os professores são completamente... Nós estamos completamente disponíveis para discutir com os alunos, com os estudantes, é o mínimo.

Porque nós temos que pensar duas coisas, uma: O que fizemos de nós mesmos? Quer dizer, como é que nos tornamos isso, como é que a gente viveu isso? Que é um clássico do Foucault, e o outro: O que é que nós vamos fazer com o tempo que nos resta?

São duas questões vitais que esse programa vai ter que discutir seriamente, acho que, sim, é um sintoma. É um sintoma. É um sintoma que está fora, é um sintoma infletido aqui dentro, é uma questão sociológica de primeira grandeza, nós vamos ter que fazer esse diálogo.

Só que esse diálogo é absolutamente impossível de ser realizado, porque nos sangra, nos sangra no coração da nossa questão, da diferença, nós não podemos fazer esse diálogo, a partir de um documento que é um documento que instaura a guerra entre nós, que não dá margens a pensar o quê que nós vamos fazer com o tempo que nos resta, porque isso daqui cria um absoluto fosso entre nós.

Então, os docentes desse programa propõem que a única possibilidade de a gente pensar nesses sintomas todos que estão vindo, ou seja, o quê que nos tornamos e o quê que nós vamos fazer com o nosso tempo que resta?

Nós precisamos pedir a retirada desse documento.

Sem a retirada desse documento não há conversa possível, porque há um abismo, fez um abismo entre nós, na medida em que sangra o programa e sangra dois professores que, para nós, são o centro da temática e que nos diferencia de todos os outros programas de pós-graduação.

Queremos conversar, precisamos conversar, mas esse documento transforma uma impossibilidade de conversa, então o quê que os docentes pedem? De que retiramos esse documento publicamente, evidente, para que aí possamos pensar a questão gravíssima que estão vivendo e não é só pra gente, isso está na Unicamp, está na USP, isso daqui...

Não é possível que a gente não veja que tem alguma coisa passando em todos os lugares, precisamos discutir isso, mas não sob a lógica desse documento que nos faz sangrar e cria uma coisa, que a Inês no começo falou assim “O limite a ética.”, é uma boa fala, o limite a ética, quer dizer, nós não podemos ultrapassar a ética.

De alguma maneira esse documento ultrapassa.

Eu diria, nas minhas palavras, assim, há alguma coisa que é intolerável, não dá para discutir no âmbito do intolerável e esse documento é intolerável, porque é uma peça acusatória, sob essa materialidade os docentes desse programa não vão poder estabelecer um diálogo.

Então o que nós pedimos a vocês é, precisamos conversar urgentemente, mas nós pedimos a retirada pública desse documento que vocês duas mandaram e que está fazendo nesse programa e as pessoas sangrarem socialmente.

Que vocês entendam perfeitamente o que significa, (ininteligível) o que significa pro programa uma coisa dessas, então a gente gostaria que vocês retirassem esse documento, para que aí nós possamos...

* * *

A SRA. – Não, aí ela só vai continuar sangrando até aquela anemia e por anemia ela para de falar.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu só peço também que escutem os representantes discentes, porque...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, não, vai ouvir tudo, não é essa a questão, a questão é a seguinte, que eu gostaria, se você me permitisse, de ler aqui para as pessoas qual é o documento que sangra tanto essa mulher.

Porque ela não está na menopausa, ela não está menstruada, não é hematologista, e só sangra toda hora? Me desculpem, eu gostaria de pedir para que vocês me permitissem a leitura disso, pra saber se o sangramento é mental, se é verborragia ou se tem alguma outra razão que eu gostaria de sugerir, mas não posso.

“Vimos por meio desta tecer algumas considerações sobre a consulta realizada pela coordenação da PPGS, Comissão de Pós-Graduação, aos discentes sobre o andamento do referido programa.”

Então, para entender, toda escola universitária, e agora são palavras minhas, tem um programa de avaliação que tanto o docente quando o discente tem que responder, porque esse programa de avaliação é que vai dar as orientações pra CAPES, pro MEC, etc. e tal, de como as coisas estão acontecendo.

E os alunos respondem, a universidade responde, faz um relato, e isso acaba aí, vem, por último, uma conclusão, uma coisa mais sucinta, mas eu, em 22 anos de universidade, nunca peguei o documento na íntegra como o que está se colocando aqui.

Então é assim, “Após leitura cuidadosa do resultado do *Survey* [Que é essa pesquisa.] documento oficial do programa, entendemos que se faz necessário uma discussão mais ampla, com maiores esclarecimentos sobre algumas questões ali relatadas.”

Então começa já uma situação aí que me incomodou, se o documento ele é feito como um instrumento para discussão, como é que ele cria um fosso? É a primeira questão.

“Embora reiteremos as notáveis qualidades do nosso programa, ilustramos respeito pelos professores e pela coordenação do mesmo, manifestamos preocupação com alguns dos dados colhidos no documento acima referido.

Constatamos, portanto, a necessidade de abertura de um diálogo amplo e propositivo [Então não dá pra ser nazi-fascista.] que contribua para o crescimento desse programa de pós-graduação.

Uma quantidade significativa de discentes não se mostrou satisfeita quanto ao relacionamento com o seu, ou a sua, orientadora, o qual se portaria de forma desrespeitosa e até mesmo agressiva para com seus orientandos, chegando, em pelo menos um caso, a expor de forma vexatória uma discente em redes sociais na internet, como explicitado na resposta da questão 38, na página 47, do *Survey*.

Há casos de professores que foram contestados e por causa disso deixam de gostar ou de se relacionar tranquilamente com a pessoa. Aconteceu comigo, de me ver numa situação de ter que confrontar um docente porque ela estava há semanas humilhando um orientando, publicamente, pelo *Facebook*.

Eu conversei com outros orientandos dele e todos estavam chateados e contrariados com a situação, mas me disseram que não ousariam fazer nada, porque diziam que se prejudicariam, pois o mesmo tem uma relação autoritária e ríspida com seus orientandos.

Também na questão 15, na página 18, existe presenciar troca de e-mails com palavras rudes e grosseiras, exposição de colegas em redes sociais por conta dos prazos, e da dificuldade de realizar a pesquisa me deixou, ao longo dos anos, bastante desestimulada.

Depois ela coloca que há relatos de cobrança excessiva de produção acadêmica, deixa particularmente preocupada a manifestação de uma colega que relata a experiência vivenciada com o seu orientador, que teria desencadeado uma série de problemas tanto no seu desempenho acadêmico quanto na vida pessoal, segundo aponta o trecho da página 47, questão 38.

Em um dos poucos momentos de orientação que recebi em anos, o professor agiu de modo inconveniente e tentou beijar-me na boca. Na verdade, beijou, pois me abraçou e encostou a boca dele na minha. Eu não o beijei, afastei o meu rosto e o meu corpo, eu fiquei absolutamente em choque, pois nunca cogitei tal possibilidade e ao mesmo tempo fiquei totalmente paralisada, com medo de reclamar, xingar ou denunciar o que havia acontecido.

[Você... A pessoa aqui não conhecia a Lei Maria da Penha, porque se não dava pra dar umas porradas boas no cara.]

Foi possível, pois entendi na pele o que é o assédio, você se sente agredida, invadida e ainda se culpa. Mas demorei quase dois meses pra conseguir verbalizar, aos prantos, o que havia acontecido com alguém de confiança.

Esse assédio, somado a minha covardia de denunciá-lo, apenas piorou o meu quadro de saúde.

Evitei a pós-graduação, a minha pesquisa e o meu orientador por um semestre.

No seminário de 2011 fui convidada para coordenar uma mesa, para substituir meu orientador e eu aceitei com prazer.

Na festa de confraternização do mesmo seminário, eu o reencontrei e na hora de ir embora ele me pediu carona até o carro dele. Eu fiquei tremula, mas, de novo, acovardei-me de dizer não.

Como deduzi, infelizmente, ele, de novo, me agarrou e tentou me beijar, encostando sua boca na minha, dessa vez eu não consegui verbalizar o não.”

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Dessa vez eu consegui.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ah, desculpa.

“Desta vez eu consegui.” É isso mesmo, ela sabe letra por letra do que está escrito. “Dessa vez...” Obrigada.

“Dessa vez eu consegui verbalizar o não, e disse que aquilo não tinha o menor cabimento. Ele ficou calado e saiu do carro, e nunca se explicou ou se desculpou, agiu como se nada tivesse ocorrido e desde então começou a me cortar de projetos do núcleo que ele coordena.

E os atos e os comportamentos descritos no *Survey*, caracterizam danos morais, pode-se configurar nos aspectos da legislação abaixo apresentada, Artigo 213.”

Esse é Código Civil ou Penal?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. SARAH MUNHOS – PCdoB – Do Código Penal.

“Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

Conforme Lei 12.015 de 2009, Art. 5º, Parágrafo 10º: São invioláveis a intimidade, a vida privada, da honra e ética a imagem das pessoas, pelo dano material ou moral decorrente de sua violação conforme Constituição Federal Brasileira.

O nome da pessoa não pode ser empregado por outrem em publicações ou representações que a exponham ao desprezo público, ainda quando não haja intenção difamatória, conforme o Código Civil da Nação Brasileira.

Art. 140 – Injuriar alguém ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro, conforme Código Penal Brasileiro.

É preciso também fazer menção a sensação de desconforto dos discentes com as formas de decisões que têm sido tomadas no programa de pós-graduação.

Vistas como pouco abertas ao diálogo, e sem a devida consideração pela posição dos discentes, como exemplo, recente alteração do regime de bolsa.

Salientamos ainda o sentimento de insegurança e temor de represálias expresso pelos discentes quando se considera a possibilidade de um posicionamento contrário ao dos procedimentos político-administrativos da pós-graduação.

Diante do exposto exigimos que [E é isso que ela quer que retire?]

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É isso, tá.

“O programa de pós-graduação em Sociologia se posiciona publicamente, via carta aos discentes e docentes até o dia 02/12/2014, sobre os relatos de abuso de poder e violência provenientes do *Survey* e que esta carta seja disponibilizada, via e-mail, a todos e todas.

Que o programa convoque uma reunião pública para a discussão das cartas e do conteúdo do *Survey*.

Discentes do programa de graduação, apoio Associação da Pós-Graduação e o Diretório Central de Estudantes, DCE, assinam a carta em São Carlos, 27 de novembro de 2014.”

Isso daqui é que ocasionou todo o sangramento, tá? Ainda que fosse uma atonia uterina pós-parto, não tinha sangrado tanto. Atonia uterina pós-parto é, a mulher dá à luz e o útero ao invés de contrair ele continua flácido, sangra, sangra, sangra e a pessoa, sim, pode se esvaír e morrer.

Então eu entendo assim, volta...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Thais, espera um pouquinho...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É só pra...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã, isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É só pra concluir uma coisinha só.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, conclua, também quero fazer uma pergunta.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É só porque é assim, por favor, dá pra colocar o finalzinho do parágrafo? Porque ela coloca o seguinte “Nós precisamos conversar urgentemente.”

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – “Mas nós pedimos a retirada pública desse documento.”

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sei.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Se é pra discutir um documento e eu retiro esse documento, sinto muito, a reunião tinha que ter acabado aqui e o que está fazendo o programa a sangrar socialmente, não é? “E vocês entendem perfeitamente o que significam mortes sociais.”

Então eu queria que a partir dessa frase, de onde você parou, solta, porque a gente consegue juntar.

Eu acho que assim, dá um link bem legal entre o que ela está pedindo pra tirar, o que sangra e o que não sangra, a exposição que a depoente coloca e assim, a forma tranquila de não fazer um suicídio social, porque mancharia o nome deles e a pessoa que estava sendo regredida.

A SRA. – (Ininteligível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É, você pode ser, sangrada, espancada, humilhada, explorada, exposta, mas é só você, os outros três, não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera aí, antes... Pode mostrar, mas antes eu queria, viu Thais, ou a advogada, como vocês estão... Você, Thais, está totalmente em estado de choque...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, eu estou indignada, imagina ela.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, só queria entender, espera um pouquinho que vocês falam coisas do mundo acadêmico, tão...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ao longe.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tão mergulhadas, assim, no cotidiano aí desses termos técnicos...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, tem razão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Queria entender uma coisa, o quê que ele, antes de... Não, pode fazer o encaminhamento que a deputada fez primeiro, mas o que eu não estou conseguindo entender, porque uma CPI, ela tentou de uma forma, mas nós queremos saber onde está o centro que pode ser criminalizado.

Então, teve a abordagem, teve o assédio e aí ele começou a romper, eu não entendi direito o que foi a publicização na pesquisa, o que foi publicizado?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Normalmente, o *Survey*, agora eu vou falar do documento acadêmico, e as duas me corrijam, caso...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O quê que foi...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Do documento...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Publicizado?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu vou falar a questão do documento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que era uma coisa praticamente de duas pessoas, e virou...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, é assim, cada... Existe uma avaliação que a CAPES manda, e ela faz perguntas específicas a respeito do questionário.

Então vai um questionário para os docentes da disciplina responderem e forma um banco de dados lá e vai um questionário para os discentes responderem, e forma outro banco de dados.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Quem elaborou isso foram os próprios professores.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É, é feito pela própria universidade.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – (Ininteligível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, mas de todo jeito é esse documento a CAPES recebe, ok?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Daí eu falo assim, em que curso você está matriculado? Que ano você se ingressou? Em que período você teve a bolsa? E lá pelo meio, vem assim “Sabendo que o dinheiro nunca é mais do que as definições orçamentárias dessa nossa experiência, o quanto ter mais recursos mudaria a formação em pesquisa dos pós-graduandos?”

Então começa uma situação meio pesada numa pesquisa como essa, e aí vêm questões que dá abertura de cada aluno responder o que bem entender, perguntas do tipo: Teça um comentário sobre a qualidade da pesquisa desenvolvida nessa PPGS.

E aí o quê que eles fazem? Eles pegam todas, vamos supor, 500 alunos responderam, 100 são do curso de Sociologia, eles pegam 100 respostas criam categorias, um é assédio, outro não atendimento do aluno, outro a pesquisa não decola, o dinheiro da bolsa não chegou, eles criam...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Categorias.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Categorias e colocam as respostas em percentil, e isso que vem, aí isso sim é solto para os alunos, reclamaram do horário, do não cumprimento do horário do orientador – 100%.

Reclamaram que o orientador não atende bem – 15%.

Reclamaram do atendimento do orientador – 10% diz que é ruim; 30% diz que é regular; e os outros disseram que é bom.

Porém isso é interpretação que vai na categorização, nesse caso, quando expuseram o *Survey*, que é esse documento, esse questionário, expuseram o questionário na íntegra, com todas as respostas.

Não categorizaram e aí que ela ficou identificada.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A resposta dela é identificada.

Ela foi exposta... Na verdade assim, ela foi exposta, as pessoas que se sentiram ameaçadas, que, provavelmente, tendo a denúncia dela, tendo esse material dentro do *Survey*, e tendo, no mínimo, uma investigação administrativa dentro da universidade, os professores envolvidos poderiam ser demitidos por justa causa.

E aí é uma situação...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera aí, espera aí.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É uma situação que precisa se equilibrar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala uma coisa bem simples.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De novo?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O quê que ela...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mais simples como?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A falta de bolsa pesa, mas não é determinante.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Você está entendendo que as respostas abertas foram entregues para mais de 200 alunos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Quando é assim não, porque a resposta...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera aí, é uma coisa tão simples que eu estou perguntando, vocês é que estão complicando.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então pergunta de novo que o nosso entendimento não foi suficiente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Na realidade, é assim...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – De uma forma simples.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É coisa de português de caderneta.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vamos lá.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O quê que ela foi exposta? A relação dela com o professor, é isso?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É isso que foi para o questionário?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Sim, o assédio que o professor fez com ela...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Os alunos julgarem qual é o tipo...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, não, não, o assédio tinha sido delatado na universidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O assédio tinha sido relatado nesse questionário, que é em tese...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso, isso, isso.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É confidencial e aí, ao soltar as respostas, aquilo que era pergunta aberta soltaram, na íntegra, a resposta que ela colocou.

Como algumas pessoas já sabiam o que era e como era, aí ela foi exposta e a retaliação veio.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, então o caso que era...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A universidade também errou quando liberou a exposição do documento.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá, então o caso que era absolutamente privado entre ela e o orientador virou...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E talvez uma pessoa, de uma sindicância interna da universidade, virou algo público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vazou?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Vazou.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E ela começou quase que um julgamento através dessa pesquisa, é isso?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Só não fizeram a pergunta assim, quem não tiver pecado que atire... A pergunta foi feita inversa, aqueles que pecaram atinjam a primeira pedra.

E aí todo mundo que tinha um rabinho começou a bater boca, pelo menos é isso que eu estou entendendo.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A resposta mais constrangedora foi dessa pergunta 38, que é registre um documentário sobre a sua maior dificuldade para cursar e concluir a pós-graduação.

Daí eu expus as...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Aí, olha, cada um deu uma resposta para esse quesito, então uma pessoa falou isso, outra isso, outra isso, outra isso e outra isso, e quando chegou na vez dela, ela fez isso. E aí foi esse o relato, é esse relato aqui é que foi exposto, olha.

A SRA. THAS SANTOS MOYA – Daí os estudantes leram.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E saiu na...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Na internet pra quem quisesse ler.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Pro e-mail, daí que os estudantes leram e fizeram essa carta que a deputada acabou de ler, que foi o caso que a professora disse que estava... Foi um absurdo, uma fossa, eles ficaram muito irritados, pela questão de termos colocado artigos do Código Penal, eles falaram que a gente estava judicializando as relações do programa, que a gente estava exigindo, onde já se viu aluno exigir coisa de professor...

Mas além dessa questão deles terem publicizado algo que era anônimo, que eles garantiram que era anônimo, eles ficaram cientes de um delito durante meses, não tomaram nenhuma providência, quando fizeram uma reunião pública com os estudantes, eles negligenciaram os meus relatos, e todos os outros que...

Não explicaram o porquê, falaram que alunos antes de 2010 não seriam considerados, eu sou formada em 2009, e foi o que levou os estudantes a fazerem a carta, então, a primeira questão é: publicizaram algo que era anônimo, e algo que me expõe de uma maneira complicada, não tomaram providências, mesmo estando cientes de um delito, depois pressionaram e reprimiram...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Ó, eles não estavam cientes do delito, eles estavam cientes da denúncia.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Porque através da denúncia, é que eles iam saber posteriormente.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim, sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Se configurar se houve delito ou não.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim, lógico.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Está correto, Dra.?

A SRA. FERNANDA MARTINS – Está.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Obrigada.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eles estavam cientes e não tomaram providências, não fizeram nada pra discutir sobre isso, quando os estudantes escreveram a carta eles começaram a perseguir, a pressionar os estudantes.

E chegou ao ponto dessa carta... Dessa reunião que vocês estão ouvindo, que é a ponto de ameaçar processar judicialmente os representantes discentes se a carta não fosse retirada.

Então além de negligenciar, silenciar, eles ainda reprimiram e silenciaram, como que eu vou usar a palavra? De maneira... Coação, um meio de coação a retirada da carta, querendo por fim , silenciar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Dá pra por agora? O senhor entendeu agora?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu não entendi, mas deixa o... Porque é o seguinte, tentar organizar a pergunta.

Esse é um modelo clássico do assédio entre uma pessoa que tem o dobro da idade dela, é o professor, então é o que caracteriza... Porque não adianta fazer todo o desdobramento do fato, se a gente não tiver claro o fato.

(Ininteligível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O professor tem o poder.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Espera, deixa eu fazer a pergunta, se não você responde a pergunta sem eu fazer.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, o assunto é o seguinte, a menina entrou com 18 anos, esse homem nasceu em 1955, hoje ele tem 60 anos, à época... Você, quantos anos tem, Thais?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Trinta e um.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Trinta e um, então quando ela entrou com 18 ele devia ter 37 anos.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Quarenta e sete.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quarenta e sete anos.

Então é uma relação entre duas pessoas, que evolui para a formatura dela, aí o cara se julga dono dela, e ele, pra ela entrar no mundo da pós-graduação ela tinha que passar pelo filtro e pela a avaliação dele.

Aí, na medida em que ela não aceitou as regras que ele impôs, ele passou pra retaliação através da mulher dele e de uma outra pessoa que ele punha como porta-voz, aí é o que eu quero entender.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Criou condições, através de um edital, de evitar que ela pudesse entrar no sistema de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso, como consequência. Aí eu queria entender, esse último passo aqui é o que eu não entendo, como é que essa situação da vida privada, que já tinha virado pública, porque na medida em que não era relação entre... Quer dizer, ela tinha deixado claro que o é negócio seguinte, o dela não queria ter relação na vida privada, o negócio dela era fazer pós-graduação.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Só para ciência, eu já estava no doutorado, eu já estava matriculada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, é isso, você deixou claro “Olha, o meu negócio aqui é estudar. Estudar, não estou a fim de ser... Não estou a fim de me submeter a nenhum crivo de avaliação pessoal pra poder estudar. Eu quero estudar, meu negócio é estudar.”, você deixou claro isso.

Aí, na medida em que você não aceitou a regra para poder estudar, ele te privou de estudar e aí ele é tão covarde que ele pôs outras pessoas.

Agora, onde que entra o questionário nisso, isso que eu não consegui entender.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Então...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É por absoluta ignorância, não é que eu estou duvidando, não estou checando, eu quero entender onde entra, porque... Deixa só eu te fazer a pergunta, se não...

Eu estou entendendo o seguinte, que uma determinada hora, ela também abriu a vida privada dela, no contexto da vida pública, para dizer, olha, eu quero estudar, vocês não estão me deixando estudar e aconteceu isso, isso e isso.

Aí eles criaram uma defesa institucional, eu estou perguntando, é isso? É isso? É isso, Thais?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – O senhor está fazendo uma pergunta de modo geral?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É, geral, porque não dá pra...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim, a gente foi...

O SR. PRESIDENTE - ADRIANO DIOGO – PT – Fazer, como diz o americano, “*One hour, one day.*”, não é? Não podemos fazer uma recomposição...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – De dez anos em 10h, não é?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

Quando eu relatei, de forma anônima, os processos e disse... Eu não pude no Survey, eu tentei ser o mais descritiva possível, mas eu não podia falar sobre todas as questões que eu passei, se vocês tiverem oportunidade, eu posso dizer sobre as coisas que eu fui sendo cortada e a maneira como eu fui sendo retaliada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, hã?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E a questão é que, quando isso se tornou público, por eles mesmos, eles criaram essa situação de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Retaliação.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – De retaliação com o corpo discente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas como é que isso veio a público, você que fez a primeira denúncia? É isso que eu estou querendo entender. Ou essa pesquisa que publicizou tudo isso?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Essa pesquisa foi enviada para o e-mail de cada estudante. Depois de alguns meses veio esse documento com as respostas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso é fora, por favor, vamos nos ater ao conteúdo.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A pesquisa...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A pesquisa... Porque como teve o caso, eu relatei dois casos, teve esse assédio, esse abuso do professor orientador, das duas vezes que ele me agarrou e me beijou e eu também descrevi o fato de um outro professor, que durante semanas humilhou e assediou publicamente o orientando dele no *Facebook*, marcava o nome dele e...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma relação homossexual?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não. Eles não tinham relação nenhuma além da questão de orientação, mas ele xingava e humilhava durante semanas e chegou num momento, eu sou amiga desse rapaz, o Guilherme, e eu me posicionei publicamente, porque ele não parava de tratar mal.

Ele marcava, não sei se o senhor entende de *Facebook*, marcava o nome do orientando dele, se ele ia em um churrasco, ele marcava o nome dele e falava “Vai estudar!”, “Vai fazer sua pesquisa.”

Tem aqui os *prints* em que ele chama o Guilherme de vários xingamentos, porque, teoricamente, estava atrasando o relatório da Fapesp, enfim, resumindo, eu fui ajudar o Guilherme a terminar essa coisa, porque ele estava também num processo difícil, tinha perdido um amigo, etc.

E escrevi publicamente, questionando o fato de um professor, que trabalha com teorias de diferenças, de gênero, de hierarquização social e ele estava há semanas oprimindo um aluno.

Depois disso ele começou a me tratar muito, assim, não mais me tratou na verdade, porque a gente tinha uma relação profissional, eu trabalhava com ele em projetos, ele me chamava pra dar cursos que, teoricamente, seriam os orientandos dele, mas ele me chamava.

Eu tenho várias trocas de e-mails pra mostrar que eu tinha uma relação profissional com ele, e a partir do momento em que eu tomei uma posição, no meu ponto de vista, muito coerente, e ele tentando fazer com que ele parasse de ter uma atitude totalmente antiprofissional, antiética, ele cortou qualquer tipo de relação profissional comigo e quase não...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vai, deixa eu resumir.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Fala comigo, a questão é, ele assediou um orientando, e na medida em que eu tomei...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então vamos lá...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Partido, ele também começou a me retaliar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então vamos lá, porque ela fala de um negro e de um gay.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Richard, que é o professor que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos dar nomes aos bois. Qual é o nome do professor que era o seu orientador, que ele não aceitou a ruptura afetiva, como é o nome dele?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Valter Roberto Silvério.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Valter...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Roberto Silvério.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Roberto Silvério.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele é um negro, que ela cita no texto?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E qual é o gay? Que ela fala do gay, que tem que ver isso.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É o professor Richard Miskolci.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Richard...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Miskolci.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Miskolci.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Que foi esse que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Miskolci, é o que falava do menino, que o menino não estudava, é isso?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Que perseguia ele pelo *Facebook*.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Xingando.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então tinha o Richard, e como era o nome do aluno que era marcado no *Facebook*?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Guilherme Saad.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Guilherme. Então tinha o professor Richard e o Guilherme, e o professor Valter e a Thais, é isso, né?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí, num determinado momento, o que você faz? Você escreve um texto repudiando isso, é isso?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Primeiro eu fiz... Na época eu fiz menção ao que o Richard estava fazendo com o Guilherme.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, você fez um texto sobre isso, pois na internet?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Isso e aí, imediatamente ele apagou tudo e começou... Parou, eu tinha relações frequentes com ele, profissionais, e ele não me chamou pra mais nada e nem oi ele fala mais pra mim desde então.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, tá bom, vamos.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Apesar que tem aqui exemplo “Onde está a porcaria do texto que você me fez esperar quase três meses, seu irresponsável, infantil, desonesto.”

Isso foi o mais fichinha que ele escreveu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, tudo bem, isso daí é diálogo.

Aí é o seguinte, qual a consequência prática, houve ruptura entre o Guilherme e o Richard? Houve uma ruptura? Ruptura assim, ele foi incitado a abandonar a pós-graduação por causa disso, porque você fez a denúncia?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ele apagou o texto que eu tentei conversar com ele. O que aconteceu foi que ele escreveu o relatório, em seguida ele já tinha marcado a defesa, inclusive o Guilherme, ele até ficou na minha casa, porque ele estava numa situação ruim, emocional e eu tentei ajudá-lo.

E nesse meio tempo de um mês que ele teve pra fazer a defesa, o professor Richard continuou mandando e-mails pro Guilherme, ameaçando constrangê-lo na defesa, e esse e-mail ele mandava com cópia pro professor Gabriel Feltran e para a professora Larissa Pelúcio, que eram da banca de defesa dele.

É uma situação que se eu não tivesse lido o e-mail, eu não acreditaria, mas ele mandava e-mails falando que ia constrangê-lo, e passou todo o tempo ameaçando ele por e-mail.

No final das contas ele defendeu, mas ele ficou tão constrangido, por exemplo, com tudo, que ele nunca mais voltou na universidade e nem pegou o diploma dele, por exemplo. Talvez ele tenha até perdido o mestrado dele, porque ele não teve condição emocional de retornar a universidade.

Porque tem todo um procedimento depois que você defende, você tem que devolver o texto revisado, homologar na biblioteca pra pegar o diploma, mas ele não teve condições.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas ele perdeu ou não perdeu?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Então, teoricamente ele perdeu o mestrado dele, porque ele não tem o diploma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por quê ele não...?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ele não fez esse processo posterior à defesa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E ele não fez esse processo posterior a defesa por quê?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Porque ele não tinha condições emocionais nenhuma de voltar, ter que lidar com o Richard de novo, mandar o texto revisado, ele não fez, foi prorrogando e acabou perdendo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá.

E no seu caso, qual é a sua situação fática de hoje, como consequências de todos esses processos? Você perdeu a sua bolsa, como é que está a sua situação?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, eu já defendi, em 18, uma semana depois do meu protesto, eu já estava com a minha defesa marcada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Defesa de quê? Da sindicância?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A defesa...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Defesa da tese.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A defesa do meu doutorado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, você conseguiu?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas você concluiu o seu processo?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Concluí. A questão é que depois eu... Foi numa Anpocs, em Caxambu, eu tirei 10 a primeira vez, eu dei, ele pediu uma carona, ele...

Quando eu liguei o carro ele pôs a mão na minha coxa e falou que a gente precisava conversar. Na hora eu nem me liguei, tipo, que ele tinha colocado a mão na minha coxa, porque eu tinha uma relação paternal com ele, realmente, para mim, era uma relação muito paternal.

E ele falou que ele estava chateado, porque fazia muito tempo que eu estava doente, da depressão, e eu não tinha falado pra ele, e eu não tinha falado até então porque meus colegas, também do núcleo, falavam, me orientaram a não falar, porque a gente sabe que tem o estigma do diagnóstico psiquiátrico, principalmente nas mulheres, o estigma da histérica...

Então quanto mais eu pude postergar a oficialização do meu diagnóstico, eu fiz.

E quando eu publicizei ele veio me procurar nesse dia, lá em Caxambu, na Anpocs, e começou a conversa nesse sentido, eu desliguei o carro e a gente começou a conversar.

Eu expliquei pra ele todo o processo que eu tinha passado, da minha vida, porque ele me conhecia desde... Há 10 anos, então ele sabia todo o processo que eu tinha... Todas as mudanças que eu tive em relação a questões filosóficas, religiosas, de sexualidade, de como isso tinha reverberado fisicamente em mim, que era um processo que eu estava lidando.

Ele também falou da doença dele, ele tem um carcinoma e estava falando do tratamento, foi uma conversa bastante empática e emocionada, assim, durante a conversa ele pegava na minha mão e eu também não me toquei, na hora eu não pensei nada, era uma conversa de muita emoção, de muita intimidade, assim...

Daí, quando a conversa não tinha mais assunto, assim, ele me deu um abraço, eu achei que tudo ok, porque era uma conversa delicada, e nisso, do abraço, ele beijou minha boca.

Nesse momento eu fiquei estática, catatônica, com o olho arregalado, eu lembro exatamente da cara dele amassando a minha cara, e eu não tive reação nenhuma, e pra

mim era meu pai me beijando, era uma sensação horrorosa, tipo eu não sabia o que fazer, eu não sabia o que falar, não conseguia...

Nisso, quando ele saiu, eu liguei o carro e falei eu vou te levar, na frente do hotel eu parei assustadíssima, assim, dele fazer de novo, coisa que ele fez, ele de novo me agarrou e me beijou, e eu fiquei preocupada, porque a esposa dele, que também é professora do programa, estava nesse hotel, se ela aparecesse lá, que situação, sabe? Eu fiquei num constrangimento enorme.

Dáí ele saiu do carro, eu fiquei em transe, horrível, como assim, por que está acontecendo isso? Ao mesmo tempo eu sabia o que representava em relação de poder.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Thais, deixa só eu perguntar uma coisa, a sua parte está claríssima, está tudo caracterizado, a última pergunta que eu queria te fazer é a seguinte, esse menino, Guilherme, ele confirmaria esse assédio que ele teve desse professor?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Então...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Porque aqui você pode falar do seu caso, o seu caso.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Hum, hum.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O seu caso nós entendemos, acolhemos e queremos te proteger, para que você não seja mais exposta do que você já foi, para caracterizar toda essa cadeia que houve da admissibilidade, vamos dizer, de você poder continuar a estudar, sem ter que estar submetida a ele.

No caso da relação Richard/Guilherme, você quer levar isso adiante? O menino, Guilherme, quer levar isso adiante?

Como é que é? Porque aqui é uma CPI, uma CPI que trata de crime.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Hum, hum.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso aí é um crime, crime de assédio, crime de abordagem, tentativa de sei lá o que.

Quero saber, você é porta-voz do Guilherme? O Guilherme quer que leve isso adiante?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não?

O SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ele preferiu não se expor. A maneira...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos anos tem o Guilherme? E quantos anos têm o Richard?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu não tenho certeza absoluta.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, não? Mais ou menos, aproximadamente.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uma aproximação.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – O Richard deve ter uns 45 e o Guilherme uns 25, 27.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E quando eu expus essa situação do Guilherme e do Richard.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então espera um pouquinho, deixa eu fazer uma pergunta.

Quero saber, você eu já entendi, o Guilherme continua morando lá na cidade?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, ele mora no interior, em outra cidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E ele ficou tão desesperado com essa coisa que ele nem foi retirar...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – O diploma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT - Abandonou?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Embora tenha sido defendido.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você acha que o Richard se apaixonou pelo Guilherme e isso...

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, eu não tenho nada a dizer sobre isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem assédio sexual?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, não tem nada disso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É só um assédio moral?

A SRA. FERNANDA MARTINS – O senhor me permite?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

A SRA. FERNANDA MARTINS – Dr., o senhor me permite?

Na verdade ela está falando dessa outra relação, do Richard com o Guilherme, porque neste documento, na resposta do *Survey*, ela relata essas duas opressões...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ele e o gay.

A SRA. FERNANDA MARTINS – A que ela sentiu e a que ela viu, então na verdade ela está trazendo aqui este relato...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Certo.

A SRA. FERNANDA MARTINS – Porque foi um relato que ela levou para a universidade e foi ignorado, mas não existe como, nem a Thais, nem a mim, ser porta voz do Guilherme, pra saber se...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

A SRA. FERNANDA MARTINS – Esse crime é de importância pra ele ou de relevância.

O que é importante constar, o que a gente traz aqui, é que isso foi levado até a universidade, o que demonstra uma irregularidade da própria universidade de não ter investigado.

E como a Thais, ela relata isso no documento, esse documento do *Survey*, ela fez o relato da agressão do Richard, então a gente achou interessante descrevê-lo aqui também.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, já entendi, já entendi.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala, Thais.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E eu coloquei porque... É pertinente porque eu tinha uma relação de trabalho com o Richard e quando eu me posicionei contrário a ele nessa situação, ele me cortou de qualquer relação, de qualquer questão, foi por isso também que eu expus no que tange a minha carreira.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Richard cortou você de que tipo, o Richard, não o Valter, o Richard te cortou de que relação?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu tinha, a gente tinha o hábito de trabalhar conjuntamente, em projetos de extensão...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sim.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu tinha a disciplina, ele dava uma aula, ele me chamava para dar cursos, na universidade, para ele. Era uma relação já de anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – E depois desse fato, ele nem oi fala pra mim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ou de repente...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Oi é outra categoria, vamos lá.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, foi só dando um exemplo, de como...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, sim, não dá pra... Quero saber objetivamente, quantos meses... A sua bolsa foi cortada?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não. Eu...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, você conseguiu concluir o doutorado, né?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então teve o assédio. E você algum dia conseguiu falar pro Valter, olha, Valter, depois dessa confusão toda dos questionários, você conseguiu falar, Valter, eu to aqui querendo estudar, tenho metade

da sua idade, tenho idade pra ser sua filha, eu te vejo como um pai, você fica me abordando, põe a sua mulher no meio da nossa relação...

Você conseguiu explicar isso pra ele?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não, não tem pra... Deveria conhecer o Valter é assim, ele tem uma postura bastante política, e flerta com bastante arrogância, então não tinha esse espaço para falar com ele sobre isso e eu nunca consegui.

Eu consegui, depois de um tempo, falar com outros orientandos dele, inclusive eu tenho aqui uma conversa com uma orientanda dele em que, na época, eu cito todas as coisas que estavam acontecendo, eu falo que eu estava me sentindo perseguida, essa conversa é de 2012, mas eu nunca fui encorajada, meus colegas...

A ideia, o que pesava sempre era, vai ter uma repercussão muito ruim para a nossa linha de pesquisa, pro movimento negro, pra tua carreira, como é que você vai provar, a tônica das conversas eram sempre essas, eu sempre me sentia muito sozinha e sem amparo para levar isso sem que eu fosse prejudicada.

Agora, sobre a relação da bolsa, em 2012 eu pedi a prorrogação da minha qualificação, porque eu estava...

Eu preciso só fazer um... Agora que as coisas se desmantelaram, depois dessa vez, na Anpocs em Caxambu, seis meses depois eu substituí, como ela leu, ele também voltou numa confraternização, num restaurante que tem lá na cidade, na hora que eu levantei pra ir embora ele levantou também, me acompanhou até o caixa.

Meu carro estava exatamente em frente ao restaurante e o carro dele estava a 50 metros, no outro quarteirão e ele me pediu carona, eu fiquei, como você disse, que já leu, eu fiquei totalmente sem reação, passando mal, porque eu não acreditava que ele ia fazer de novo, mas ao mesmo tempo é meu orientador, como é que eu ia falar não?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

A SRA, THAIS SANTOS MOYA – Não, isso foi em 2011, foi o meu 2º ano, 2º ano de doutorado.

Ele me pediu carona, eu dei, andei 50 metros, foi ridículo, parei o carro e nisso ele começou a falar e de novo me abraçou, me agarrou e beijou minha boca, nessa situação, que já tinha passado seis meses da outra vez, eu estava mais ciente, mais forte,

já estava precavida, foi quando eu disse pra ele que não, empurrei, falei que aquilo não tinha o menor cabimento.

E ele ficou olhando pra minha cara, como se nada tivesse acontecido, saiu do carro, nunca falou sobre o assunto, nunca tocou e eu, totalmente sem rumo, assim, porque o que é que eu vou fazer? É meu orientador que está me agarrando, já é consecutivo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Já é consecutivo seis meses depois.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Teve sindicância isso daí?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Está desenrolando uma Comissão de Averiguação na universidade, que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando começou?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Começou, eu acho, que dia 17 de dezembro de 2014.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, desse ano?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E esse fato ocorreu em?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A primeira vez que ele me agarrou foi em outubro de 2010 e depois no começo de 2011.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E só abriu sindicância agora?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim, foi quando eu escrevi o *Survey*.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você fez o... Entendi, na hora da pesquisa.

Você fez boletim de ocorrência?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – *Survey* é de que data?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Dois mil e quatorze, maio de 2014.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – A ocorrência...

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Eu não, como eu disse, eu não me sentia segura pra fazer uma denúncia.

Primeiro que eu, eu acho que as mulheres sabem como é intolerável ir a uma Delegacia da Mulher, eu já acompanhei algumas pessoas, infelizmente eu sabia como era, que eu ia me expor e não ia ter desenrolar nenhum que me assegurasse um procedimento adequado.

Em relação à universidade eu também não me sentia... Na Ouvidoria eu sei que as coisas não acontecem, que não tem profissional adequado, e eu, por muito tempo, me senti responsável pela vida e pela carreira desse meu orientador, que é uma pessoa que eu já tinha uma relação há mais de 10 anos, eu também me sentia muito insegura em relação a minha carreira, são 13 anos de dedicação, graduação, pós, mestrado e doutorado numa linha de pesquisa, enfim, meus colegas... Era muita coisa.

Quando o *Survey* apareceu de maneira anônima, foi quando eu me senti segura pra fazer os relatos pra que a universidade pudesse discutir o assunto.

A minha intenção nunca foi personalizar os professores, mas mostrar como aquilo tinha acontecido e como eu sei que acontece com outras pessoas em situações x e y.

Sobre as questões que eu fui perseguida, na minha leitura, nesse mesmo ano, em 2011, ele foi debatedor de um GT, é um Grupo de Trabalho que tem na Anpocs.

Anpocs é a Associação Nacional de Ciências Sociais, que é o encontro mais importante das Ciências Sociais no Brasil, que o ano anterior, que foi quando ele me agarrou pela primeira vez, eu tinha aprovado um trabalho, uma apresentação oral, que é importante na carreira.

E no ano seguinte ele escreveu um artigo para essa Anpocs, chamou três orientandos dele, sobre a temática da minha pesquisa, não me chamou, não me deu satisfação, assim, sabe, não falou porque não estava me chamando, e sendo que eu sou a orientanda mais antiga dele e trabalho exatamente o tema que ele publicou.

Eu mandei um resumo, que nesse mesmo grupo, sozinha, porque ele não tinha me chamado, não foi aprovado.

Depois, em 2012, quando eu pedi a prorrogação da minha qualificação, porque eu estava passando por um processo de depressão, ele marcou uma reunião comigo e com a secretária do programa e deu a entender de que faria, daria segmento para que eu não perdesse a minha bolsa, de que eu pudesse prorrogar os meus prazos e tal.

Porem, quando eu cheguei na reunião com a Comissão de Bolsa, que quem presidia é a professora Maria da Gloria Bonelli, que é companheira, esposa dele, ela me apresentou um parecer do professor Valter, que eu não tinha lido, que eu não tinha tido contato com ele até aquele momento.

Nesse parecer ele dizia que meu trabalho não tinha andado desde 2010, que ele não via avanço na minha pesquisa, e sugeriu, no final do parecer, que a minha bolsa fosse cortada.

Eu fiquei totalmente sem chão, porque era um parecer que eu não tinha visto, que ele não tinha me mandado antes, eu li durante a reunião, eu levei nessa reunião o meu relatório, a declaração médica do psiquiatra e da psicóloga.

Essa professora, Maria Bonelli, pegou as declarações e jogou assim, na minha mesa, e falou “Eu não acredito em uma palavra do que está aqui.”, disse que eu... Insinuou que eu estava dissimulando, porque eu conseguia fazer outras atividades na

universidade, mas, enfim, e não fazia a minha pesquisa. Nessa reunião estava o professor Gabriel Feltran e a representante discente, Rossana Marinho.

O Gabriel, ele se dispôs também a depor e a falar o que aconteceu nessa reunião, porque eu não consigo, eles não me deram uma cópia desse parecer do professor Valter, mas ele se prontificou a depor dizendo que ele leu esse parecer e que, de fato, ele chegou a sugerir que minha bolsa fosse cortada em 2012.

Outras questões. Eu fui retirada de um curso, eu era professora, já tinha escrito o material didático de dois módulos de um curso de extensão, pela EAD, Educação a Distância, eu já tinha...

Inclusive, se vocês olharem os livros, eu sou autora de dois capítulos, já estava tudo certo, eu já estava contando com esse dinheiro no meu orçamento, e tal e por questões, que ele diz, por questões internas ele me tirou assim, a dois meses de começar, ele me tirou dessas aulas, eu tive... Até financeiramente eu fui prejudicada, porque de uma hora pra outra, era um montante de quase R\$ 5.000,00, duas disciplinas.

E as questões internas eram porque eu participo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros na UFSCcar desde 2002, eu sempre participei da organização das coisas, e eu sempre me posicionei, a minha personalidade sempre foi muito política, e eu não fico quieta quando eu vejo algo incoerente e em alguns momentos eu fui chamada pra ajudar, inclusive pelas estudantes, coordenadoras, que também eram orientandas dele.

E tinham irregularidades, de pessoas que estavam recebendo bolsa sem poder, e estavam pagando menos pra uma moça, uma estudante que assumia a posição de tutoria, e eu sempre dialogando, tentando mostrar que não fazia sentido a gente fazer um projeto de extensão para educar professores da educação básica sobre racismo, educação étnico-raciais e oprimir, subalternizar pessoas do nosso próprio meio e tal.

Eu sempre tive isso, desde a graduação, uma postura e isso nunca foi motivo pra me cortar, só que dessa vez ele me cortou, me tirou as disciplinas.

Nessa reunião ele me chamou e ele começou a reunião dizendo que seria a coisa mais difícil da vida dele, que ele ia fazer na vida dele, que eu era a melhor aluna dele, que era uma das pessoas mais radiantes que ele conhece, que eu era a pessoa que mais bem representava ele, que as pessoas iam procurar ele pra falar de mim, que ele nunca se decepcionava com nada do que eu tenha feito.

Mas, que eu não podia, que eu era uma franga sem instituição, porque eu não sou concursada, sem doutorado e não institucionalizada e que eu tinha que colocar o rabo entre as pernas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem falou isso?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – O professor Valter. Nesse mesmo dia que ele me tirou as disciplinas do EAD... Nessa conversa ele falou várias coisas, inclusive eu tinha acabado de entregar o meu texto de qualificação.

Nessa reunião ele falou que o meu texto não estava bom e que eu não tinha progredido no meu mestrado, na hora eu fiquei muito nervosa, porque eu sabia que ele não tinha lido, porque eu tinha certeza absoluta, eu que escrevi, eu sabia o que eu tinha escrito.

E como ele tem esse costume, de não ler as coisas, por exemplo, na minha defesa de mestrado, os meus colegas, inclusive orientando dele, pessoas que estavam assistindo falaram “Nossa, que chato, Thais, o Valter foi pra sua defesa sem ler a sua dissertação.”

Então eu fiquei muito nervosa, mas ainda era 2012, enfim, e aí eu já estava nervosa com essa questão dele ter me tirado as disciplinas, dele ter falado que eu não sou institucionalizada, porque ele falou que se eu quisesse continuar na Academia eu ia ter que aprender a jogar o jogo da Academia.

Eu fiquei horrorizada com essa reunião, foi a primeira vez que eu cogitei largar a Sociologia, cogitei largar a Academia, a carreira docente, fiquei meses sem tocar na minha pesquisa, porque eu não sabia se eu queria continuar.

Nessa mesma reunião, inclusive ele cogitou, cogitou, não, eu dava uma aula numa disciplina da Pedagogia a Distância, na OAB, lá da Federal, que ele tinha me chamado em 2009 pra dar no lugar dele.

Eu que montei a disciplina, escrevi o material, já estava na 3ª oferta da disciplina e tal e o que acontece com muita frequência, é que os orientandos que dão as aulas, eles não conseguem ser reconhecidos, porque a CAPES não permite que ganhe duas bolsas, então a gente entrava como tutor e na hora de dar a declaração a gente dava como tutor.

Então o quê que a SEAD, que a Secretaria de Educação a Distância, resolveu para regularizar a nossa situação, eles abriram editais para professores voluntários na universidade, então a gente fazia concurso, para daí ser docente formalmente e para poder usar no nosso currículo uma coisa que a gente já estava fazendo há anos.

Só que, quando o ofício da Secretaria da Pedagogia chegou na Sociologia, na época quem era chefe do departamento, era a professora Maria da Gloria, esposa dele,

eles pegaram o ofício que estava dizendo que a disciplina fosse desvinculada do departamento, para ser pudesse ser vinculada a EAD, pra eles poderem fazer o concurso, ela interpretou que eles não estavam gostando da minha atuação, falou numa reunião, isso o Valter me falou na reunião, que ela tinha tido uma reunião do departamento e que ela falou nesses termos, de que eles estavam pedindo a disciplina porque eles não estavam satisfeitos.

Como eu tinha certeza absoluta que meu desempenho era bom, e que eles gostavam, inclusive eles tinham me dito sobre essa questão de formalizar, porque eles queriam honrar o nosso trabalho e que gostavam.

Eu falei, Valter, tem um equívoco aí, eu tenho uma certeza absoluta que não é uma questão do meu desempenho, daí, por sorte, dias depois teve um evento na Reitoria, e estava todo mundo, os professores era uma questão que, enfim, estavam várias pessoas juntas, e eu encontrei a professora Claudia Reis, que na época era a coordenadora pedagógica da EAD, e ela tinha falado comigo dias antes falando “Ah, você vai prestar o concurso, né? Porque é bacana, daí você vai poder usar no seu currículo.”

Eu procurei ela e falei, professora, está acontecendo algum equívoco, porque chegou um ofício no departamento e eles interpretaram o ofício, que só pedia para desvincular, como se vocês não estivessem satisfeitos com o meu desempenho.

Daí ela ficou tão preocupada que no mesmo momento, na festa, no hall da Reitoria, ela “Não, eu vou resolver isso agora, porque é um absurdo.”, ela foi atrás do professor Valter onde ele estava, parou a conversa para dizer que não tinha nada a ver com isso.

Ele ficou super sem graça, porque até então ele estava acreditando no que a professora Maria da Gloria tinha dito, esses são fatos...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Thais, deixa só organizar. Nós temos que ir já para os finalmente, queria que você desse oficialmente todos os documentos.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O caso já está mais do que explicado, qualificado, nós já entendemos, tipificado então.

O do Guilherme vem só a título de exemplo, ele não vai querer vir depor, né?

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não? Tá bom.

Então você gostaria de falar mais alguma coisa, para concluir os trabalhos?

Nós estamos mais do que esclarecidos, eu queria pedir para salvar esse material que ela trouxe num pen drive e que você entregasse os documentos pra nós irmos pra parte final.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Tá, eu só acho que um fato importante eu descrever nisso tudo.

No começo do ano passado, fevereiro de 2014, eu... Ah, uma coisa, ele nunca responde e-mail, nunca respondia meus e-mails, tem vários e-mails que eu procuro ele pra orientação, ele não me responde, ele tinha dito que a minha qualificação não estava boa... E aí, um ano depois, ele me encontrou num evento, e daí ele falou “Ah, o seu texto está ótimo pra uma qualificação. Vamos marcar.”

Eu fiquei muito nervosa, porque já tinha passado um ano, e eu passando por um processo difícil de depressão, de Síndrome do Pânico, passando os relatórios e tal, enfim, as coisas foram arrastando.

Daí no início do ano passado, em fevereiro, eu tive uma embolia pulmonar, que até hoje a gente não sabe a causa, eu escrevi um e-mail, porque eu estava preocupada com os meus prazos, eu escrevi um e-mail pro professor Valter e pros professores do programa, dizendo que eu estava internada, a situação e pedindo mais um tempo, porque eu sabia que o prazo era em março e tal, pedindo a prorrogação.

Eles simplesmente mandaram um e-mail pra mim, pela secretária, a coordenação mandou um e-mail pela secretaria, depois da reunião com a CPG eu mandei e está aqui os laudos dizendo que eu estava internada, isso era dia 27, na véspera do carnaval do ano passado, fevereiro e eles disseram que eu tinha até 06 de março pra qualificar e defender.

Isso eu com embolia, enfim, daí eu tive que entrar em contato com a pró-reitora, para conversar e nesse momento, com a pró-reitora, chegou um momento que eu estava tão nervosa, porque os estudantes estavam coagidos a não conseguiam fazer nada para ajudar.

Teve um dia que eu tive uma conversa muito séria lá, com os estudantes, eu procurei a pró-reitora e falei que a situação estava insustentável, que os estudantes não tinham representação nenhuma, que não eram ouvidos, que a gente era oprimido, e nesse dia, eu tenho essa conversa também, está aqui, eu falei pra ela que estavam ocorrendo casos de abusos, de assédios no programa, e inclusive assédio sexual, inclusive comigo.

Aí ela ficou muito preocupada e falou que a gente precisava conversar pessoalmente e não pelas mensagens privadas, daí eu deixei todos os meus contatos pra ela, e nunca ela me procurou.

Eu estou salientando isso, porque eu acho que agora, finalizando, eu queria pontuar algumas coisas.

Primeiro, depois dessa reunião, desse áudio, eu fiz um protesto no *Facebook*, eu raspei a minha cabeça e escrevi um texto tentando descrever todos os fatos e porque eu tinha feito aquele protesto.

E eles agem, e o que eles têm argumentado as pessoas em geral, até, é de que eu poderia ter procurado vias formais, e não ter colocado o programa e os professores nessa situação pública de berlinda e etc.

Eu queria salientar que eu tentei, eu tentei expor essas situações institucionalmente, por mais receosa que eu estivesse, por mais certa que eu tivesse de que eu seria retaliada, eu procurei a pró-reitora, procurei alunos do programa, eu escrevi, eu respondi uma pesquisa do programa, oficial do programa, eu participei, depois, das reuniões discentes, depois que a carta foi entregue aos professores, e eles agiram dessa forma.

Não me procuraram pra conversar, como ficou claro, eles sabiam que era eu, que eles falaram que não era anônimo coisa nenhuma, que eles sabiam de quem se tratava, então ninguém me procurou e disseram que tinham certeza absoluta que era mentira.

Então, é que esse primeiro ponto, quem publicizou foram eles, quando colocaram essa pesquisa e esse *Survey*, que era anônimo, pra mais de 200 estudantes, então não é legítimo dizer que eu publicizei a questão.

Eles também diziam, com a carta que a deputada leu, de que nós estávamos judicializando as relações do programa e que isso era um absurdo, onde já se viu. Ok.

Depois que eu publicizei o meu protesto, dizendo o que estava acontecendo, eles inverteram, aquela coisa da conveniência, né? Antes a gente estava judicializando,

quando eu publiquei, por que você não procurou as instituições judiciais, porque que você não foi na delegacia da mulher, porque que você não procurou um promotor?

Então antes não podia judicializar, depois porque que não judicializou?

Outra questão que eu quero pontuar, é...

A SRA. SARAH MUNHOZ - PCdoB – (Inaudível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – O quê?

A SRA. SARAH MUNHOZ - PCdoB – (Inaudível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ah, porque vocês não escutaram, mas a deputada está falando de uma questão que na reunião da CPG, os professores chamaram os representantes discentes de nazistas, porque eles estavam agindo como os nazistas agiram na questão de representar certas questões.

Mas o que eu estava dizendo é que...

Ah, uma questão que eu acho importante, porque que eu decidi raspar a minha cabeça? Depois dessa reunião eu fique completamente desolada, porque que além de toda a questão de coação, eu fui humilhada publicamente, porque o corpo docente falou na minha cara que eu estava mentindo sem nem me ouvir.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – É, eu fiquei mostrando uma maneira de mostrar repúdio, uma maneira de que fosse colocado num protesto e o cabelo é o símbolo da estética feminina, um ícone, um símbolo icônico do ser feminino, e a intenção foi dizer que, apesar de todas as agressões que eu sofri durante anos e nesses dias durante o processo, em que o programa silenciou e coagiu os estudantes, para que os meus relatos não fossem sequer mantidos na carta.

Eu continuo dona do meu corpo, e eu decido o que é feito com o meu corpo, então o fato de eu ter raspado é uma mensagem de que a mulher é dona do seu corpo e de que as agressões não me tiraram esse poder.

E eu acho que são questões pontuais, não sei se... Eu tenho muitas coisas pra mostrar, eu posso deixar uma cópia com os seus assessores, tem mais alguma coisa?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, está bom, é só deixar a parte documental.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Tá.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu já conhecia esse trabalho, agora que eu vi.

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Ah, professor. Professor não, deputado, uma coisa que eu quero também salientar é que a repressão e a perseguição não terminaram depois que eu me expus e protestei publicamente no *Facebook*.

O programa... Você pode abrir a pasta, por favor?

Esse aí ó, site PPGS, esse daí é o site do programa, que está no servidor da universidade, se vocês observarem, www.ppgs.ufscar.br, é uma declaração dizendo que os professores estão sendo caluniados e difamados pelas redes sociais por uma aluna que partilha da nossa convivência, difamação...

As coisas estão sendo averiguadas pela universidade numa comissão e ele já fizeram o julgamento de que é mentira e difamação, para, além disso, eles estão postando nas suas páginas pessoais essas declarações, e um texto que a professora Maria Moraes escreveu, dentre outras coisas me chamando de racista, e dizendo que eu coloquei o professor no pelourinho.

Enfim, eu queria salientar isso, que o programa e os professores, parte dos professores, continuam agindo de maneira... Estão insistindo e pressionando a representação discente para que a carta seja retirada o mais rápido possível, entre outras coisas.

Eu acho que já deu pra entender, né? Desculpa se eu fui...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu conheci... Já conhecia.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. THAIS SANTOS MOYA – Sim, isso é importante.

Nesse ínterim, quando eu fiz o meu protesto no *Facebook*, a professora Norma Valencio, que era do programa, do meu programa, ela se desligou do programa no dia 13 de dezembro, eu fiz o meu protesto no dia 11.

No dia 13 ela mandou uma carta para a coordenação, com cópia pra mim, chamando “Desligamento docente do PPGS em solidariedade a Thais.”, entre outras coisas ela diz que ela não poderia passar por mim e ter que abaixar a cabeça pelo que estava sendo feito, entre outras coisas. Essa carta é bem impactante.

Ela se desliga do programa, porque ela não compactua com o que estava sendo feito, e ela também se dispôs a depor, e a falar tudo o que for necessário, pelo que ela está vendo e pelo o que ela sabe, as coisas que foram ditas.

E outra questão também, um professor, que foi meu professor na graduação, professor Karl Monsma, escreveu uma carta pública, também questionando a postura do programa, de não ter averiguado, e já ter dado um juízo, um veredicto e estar me chamando de mentirosa, entre outras coisas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom.

Bom, tem a parte dos documentos que você gostaria de deixar, pra gente deixar nos autos? Pra que a gente pudesse documentar essa denúncia, por favor?

A MESA – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bom, então queremos agradecer a aluna Thais, a senhora, a doutora, que é importante pra CPI, e dizendo que se não há mais nenhum assunto a ser tratado, a sessão está encerrada. Muito obrigado.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã? Vai depor o Alan e a Renata? Tá bom.

Bom, vamos pegar a Renata, vamos pedir cinco minutos de intervalo tá, por favor. Obrigado.

* * *

A sessão está suspensa por cinco minutos.

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Som zero, vamos retomar?

Koba, fala pra Lia, (Ininteligível) umas 9h, elas vão sair, porque a Suzana está em São Paulo.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Tá.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bora gente, vamos ouvir, essa dupla vai tocar, o Tico e o Teco vão cantar hoje, não?

Vem, Renata, vamos lá. Você jura dizer a verdade, nada mais que a verdade, somente a verdade? Que nem os caras da Atlética?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Somente a verdade.

A Sarah vai voltar?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vai. Vamos lá, microfone. Dr. Benetton, você não quer vir de deputado? Pra dar um quórum?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pra dar quórum ou pra dar coro?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pra dar coro.

Vamos nessa? Renatinha, você é uma menina... Vou te falar, viu? O menina inteligente, viu! Mas olha, eu não vou escrever no meu *Facebook* pra você nunca.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB - (Risos.) Mas isso não é ser inteligente, isso é saber usar a inteligência.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Essa daí...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Olha a carinha dela de primeira-dama, você acha que eu vou arrumar encrenca com ela?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Primeira dama, a hora que ela...
Primeira dama.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A hora que ela abre a boca pra falar...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Cata a toalha molhada, sai com a toalha do lado batendo em todo mundo.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – (Risos.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me explica uma coisa, que vocês manejam esse instrumento, quando o cara escreve e ele apaga, fica na sua página, não altera?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Espera, na página pública ou na...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Privada.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA - Na privada não apaga.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, não apaga?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Apaga pra ele, pra mim fica igual.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O que ele escreveu fica?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Uau.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – A partir do momento que eu recebi a mensagem...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês são tudo hacker, meu, você é doido.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Confidenciar qualquer coisa...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas sabe o que acontece? (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É, imagina!?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Olha lá...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pá, pegava as coisas e...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos lá.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Alan, você vai vir pra Mesa? Esse é outro que quando abre a boca... Meu Deus, sai de baixo.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É de chorar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Cai as montanhas, e com aquela coisa assim, de quem não quer nada. Parará, parará, parará e vocês não viram o Augusto ontem à noite, pelo amor de Deus.

Augusto, dava 9h da noite e ele depondo assim, como se ele estivesse contando a história da carochinha, entendeu? Daí a Mickey, a Minnie foi visitar o Mickey, e conta tudo, virou peça de processo.

Vamos lá, coragem, coragem, falta pouco.

Reaberta a sessão, com a palavra Renata. Renata se identifica, fala seu nome todo, vamos continuar.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É Maria Renata Mencacci Costa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você quer começar?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, deputado, eu queria começar falando sobre algo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quantos anos você tem?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu tenho 20 anos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com quantos anos você entrou na faculdade?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tinha acabado de fazer 18.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E quando você recebeu, quando você era pequena você já recebia cadáver de plástico pra dissecar com quantos, seis ou sete anos?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Felizmente eu nunca recebi isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aula de anatomia, você fazia aula de anatomia com as suas bonecas.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que eu não brincava muito de boneca, não, viu?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E você estudou o colegial aonde?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu estudei num colégio em Sorocaba, eu morava lá.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você é sorocabana?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sou sorocabana.

O SR. BENETTON – E uma excelente bailarina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Bailarina?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sua sobrinha, Benetton?

O SR. BENETTON – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Benetton é sorocabano também.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, ele conversou comigo outro dia.

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O clube?

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é? Ela tem a idade da sua filha, Dr. Benetton?

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tenho 20.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quer dizer que você é sorocabana?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sorocabana.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quer dizer que você correu o risco de estudar lá na PUC de Sorocaba?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Corria. Na verdade, não, porque eu não quis fazer vestibular lá, porque eu queria sair de casa.

A SRA. – (Risos.)

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Dá um microfone pra ele.

O SR. BENETTON – (Ininteligível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ - PCdoB – Não, não, ela só queria sair dos sítios.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aqueles hinos da faculdade, deixa, eu quero... Eu tenho coisas pra fazer, mas eu vou te ouvir, empresta um microfone.

E você estudou aonde, lá em Sorocaba?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Estudei no Colégio Uirapuru.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é, Uirapuru?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E sempre foi primeira aluna?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Segunda, terceira...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Por aí...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Em que lugar você entrou na faculdade?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu fui bem mediana, assim, lá pela colocação 80, 90...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é? E que ano que você entrou?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu entrei em 2013.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Qual é a sua turma?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Cento e um.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Cento e um, muito bom. E o quê que eu queria te perguntar? Que ano você está agora?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu estou no 3º ano.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Terceiro. Agora você foi para o terceiro?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Agora eu fui pro terceiro.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você estudou lá embaixo, na Cidade Universitária?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, os dois primeiros anos, que é o ciclo básico a gente tem bastante matéria lá na Cidade Universitária.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você era da costura?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, eu não fui da costura.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah é?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – No ano passado eu participei, a gente tentou se inserir no ambiente da costura durante duas semanas, mas não deu certo, foi uma experiência ruim, daí depois de duas semanas eu saí.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Porque que o Avaré escreveu aquele texto lá, hein? Coisa louca né, meu?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Na verdade eu não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aquele monte de implicação né?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O texto que ele mandou pro senhor, pros deputados?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É, que ele me chamou de torturador...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, na verdade eu não sei, porque a gente não tem se falado mais, deve fazer um mês e meio, mais ou menos. Eu não estou tendo mais contato com ele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, vocês eram muito amigos?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês são da mesma turma?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, ele é da 98.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, é 98 e você 101?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E porque vocês...? Porque ele te contava...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, a gente era bem próximo. Ano passado a gente se aproximou bastante e ele acabou contando coisas pra mim, ele...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aquele negócio da prostituição?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É. E outras coisas, admitindo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Outras coisas...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Outras ocorrências do show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora eu comecei a assistir o show inteiro, agora que chegou o CD, principalmente esse último.

E me fala uma coisa, eu, quando faço aquela pergunta para os meninos, eu queria entender mesmo o grau de formação, eles, por fazer teatro assim, escrever textos, eles têm uma iniciação acadêmica mais erudita, assim?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, deputado, o show, de fato, nesse sentido ele é bem heterogêneo, tem gente que tem uma formação assim, em Filosofia, Sociologia, entende mais de artes e tem gente que não entende, que não sabe o que está fazendo lá.

Mas para, além disso, eles não são assim, atores formados, eles não têm experiência nenhuma, tanto que, assistindo a apresentação ano passado, eu vi que a qualidade de apresentação do show é bem ruim, na verdade, eles não são bons atores, não são bons cantores, não são bons bailarinos, mas é como eles gostam de fazer as coisas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, Renatinha, sabe com o que eu estou impressionado? A quantidade de advogados, porque eles falam... Quem você acha que contratou esses advogados tão caros, principalmente para defender o Show Medicina?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Que eu saiba foram as famílias dos integrantes do show, que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – As famílias?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É. Que contrataram vários advogados.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ou eles estão fazendo o mesmo tipo de cotização?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, eu realmente não...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que fazem show, passando nos consultórios...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Olha, eu realmente não sei dizer. Eu não me surpreenderia se eles tivessem feito isso, mas eu não tenho como afirmar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E esse grau de tensão, por quê? O quê que você acha que atingiu esse grau de tensão? Assim, lógico que eles querem se referir aquele negócio.

Que eu acho que a maior vergonha que eles passaram foi quando o presidente do Centro Acadêmico veio aqui e gerou aquele grupo de conversa e aquela conversa veio a público. Acho que essa é a maior tensão, né?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Qual grupo de conversas, deputado?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aquele grupo que ele falam que eu sou judeu, que eles achavam que eu estava de kipá...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não sei.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que eles falam que o prefeito Marco Aurélio é ladrão...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sei. É, eu acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível) você acha que ela gostaria de ficar aqui, no meio de nós dois, pra fazer uma boa imagem?

A SRA. – (Ininteligível.)

A SRA. – Alguém esqueceu uma blusa?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É dela, é dela.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu acho que essa tensão é porque eles entendem a gravidade do que eles fizeram, acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ou você acha que agora que vieram para o mundo exterior eles percebem a gravidade?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Olha, então, a minha aproximação com os membros do Show Medicina, desde o princípio, pelo menos alguns, já entendiam que o que eles faziam tinha diversos problemas e inclusive eles já manifestavam medo, assim, de serem jubilados, principalmente os que assumiam cargos administrativos dentro do show.

Então eu acho que mesmo antes de vir a público eles já entendiam que as coisas que eles faziam eram graves, mas quando veio a público eles têm a necessidade de se defender e prestar contas, e daí isso gera tensão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, eu acho... Você acha assim, que a... Porque depois eu vou querer saber coisas assim, factuais, que você sabe falar com muita...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Propriedade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você acha assim, que... Como é que você acha que está à subjetividade deles? Você acha que eles acham que a faculdade virou uma espécie de um reality show, ou assim, um enorme “Big Brother”?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Olha...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu tento fazer comparações todo dia, eu fico pensando, porque naquela carta a coisa que eles mais me atingiram, além de me falar todas aquelas bobageiras, é recuperar o Gelson Reicher, o Cabral.

Você sabe que eu convivia muito com o Gelson, até no começo eu até falava, para de falar do Gelson.

Agora, eles citam o Reinaldo Morano também. O Reinaldo Morano, assim, meio assim, com uma certa cumplicidade, depois eles falam mal do Saldiva, naquela coisa...

Agora, eu acho que eles foram infelizes em pegar a “Ópera do Malandro” e depois fazer aquele negócio do apedrejamento, provocar aquela coisa da catarse no teatro, você estava lá?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Estava.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês estavam lá fora, não entravam.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, eu entrei, eu assisti.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você assistiu, você conseguiu furar?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, eu não precisei furar, porque eu sou... Assisti na quinta-feira, que é o dia que abre para os alunos assistirem, e eu sou aluna da faculdade, eles não podiam...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, as meninas podem entrar num dia?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Para assistir a apresentação todos podem entrar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, todos podem entrar?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Todos podem, com certeza.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não podem assistir os ensaios?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, os ensaios é que são fechados, mas no dia que eles se propõem apresentar, aí é aberto a público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Agora, qual é o grande receio, pra que a gente consiga provar para o Ministério Público que aquilo é uma coisa criminosa? Qual é a grande tensão? Isso que eu não consigo entender ainda, porque...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Ninguém quer ser incriminado de nada, né? Eu acho que esse é o grande receio deles. Medo de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E porque que eles não fazem um debate público com vocês?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Das posições?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O show é bem hermético, na verdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, não, não, depois do rolo, eles não propuseram “Vamos fazer uma assembleia para discutir o futuro, a redação? Porque eles têm o grande...

Eles falam assim, que nós somos os sensores, nós somos os fascistas, nós somos os persecutórios, nós chamamos a polícia, nós queremos fazer condição coercitiva, nós os expomos à mídia, nós os desmoralizamos, e eles são as vítimas, de um processo fascista.

Esse é o discurso deles. Nós estamos aqui, no nosso meio acadêmico, fazendo a nossa brincadeira, de repente vem uma coisa de fora pra dentro para fazer uma intervenção pesadíssima contra nós.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, eles nunca se propuseram a fazer...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Alan, não, fica conosco aqui.

Eu acho que vocês dois batem uma bola! Não sei se o Felipe também quer falar, mas vamos bater uma bola pra gente entender, já que a gente tem uma...

O SR. RICARDO KOBAYASHI – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Só pra... (Ininteligível), das duas vezes ele nos recebeu...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Agora, na terceira, (Ininteligível).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Falou que estava em Ribeirão.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Falou que a faculdade (Ininteligível).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Isso.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – O Gabriel, disseram que ele estava no hospital.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Gabriel é aluno, não é funcionário?

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Ele é médico residente. O próprio hospital ofereceu residência pro (Ininteligível).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Fala no microfone, Koba, não adianta, aqui tem que falar tudo no microfone.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Tá, ok. Está aqui um relatório de investigação policial, porque foi... Eu vou ler ele e explico em seguida, é bem rápido.

“Excelentíssimo Senhor Paulo Roberto Rios de Abreu, delegado de polícia, chefe da APC/Assembleia Legislativa.

Relatório de Investigação Policial.

Em cumprimento a determinação de Vossa Excelência, comparecemos a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP, onde contatamos o senhor Moacir Pereira da Silva, RG 18356816 SSP/SP, encarregado de segurança noturno, que nos informou que o senhor Roberto Chagas dos Santos não estava e estaria de folga.

O segurança, Moacir, efetuou uma ligação para o senhor Roberto Chagas, que informou que estava na cidade de Ribeirão Preto e que retornaria somente na segunda-feira, dia 02/03/2015.

Nos dirigimos ao Hospital Universitário da Faculdade de Medicina da USP para procedermos a intimação de Gabriel Fernandes Ribeiro, médico residente naquela unidade, onde obtivemos resistência na obtenção de informações.

A funcionária Adriana, do Comep/USP, nos informou que o referido residente não se encontrava de plantão.

Por fim nos dirigimos aos endereços dos convocados Diego Ubrig Munhoz, Murilo Germano Sales da Silva, Flávio Augusto Amorim, Rodrigo Bolini de Oliveira Lima, William Tetsuo Yamagata e não os localizamos em suas residências.

Era o que nos cumpria relatar.

São Paulo, 26 de fevereiro de 2015”, assinam dois investigadores de polícia.

Com relação ao primeiro intimado, que é o Roberto Chagas dos Santos, já havia havido outras duas tentativas de entrega de intimação pra ele, que foram entregues em mãos e essa terceira não foi possível, porque a faculdade deu folga pra ele.

Com relação ao Gabriel Fernandes Ribeiro, por várias vezes os próprios advogados, da Atlético e do Show Medicina, disseram que não sabiam do paradeiro dele, no entanto ele trabalha como médico residente, dentro, atualmente, do HU, ele é residente na cirurgia, e ontem ele estava, pelos relatos que a gente tem, inclusive fotos que foram encaminhadas, ele estava, sim, de plantão no Hospital Universitário.

Ele foi visto tanto no plantão, quanto no refeitório, embora a informação que deram lá no HU era que ele não se encontraria e, segundo relato dos investigadores, no próprio hospital ofereceram resistência para a localização dele.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, Koba.

Vamos lá, então...

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, porque veja bem, a defesa, quem tem defesa constituída, embora nunca apareceu nenhum papel, é o Show Medicina, está havendo uma enorme concentração de defesa e de recursos e quem não vem depor é o pessoal do Show Medicina.

Quem veio, a não se o diretor, aquele diretor veio, o resto tem uma coisa muito marginal.

Então, já que nós somos os grandes acusadores do Show Medicina e eles são os grandes estetas, os grandes proponentes do Show Medicina, eu também sei que vocês são estudantes de Medicina, mas vocês são muito inteligentes, eu queria aproveitar, pena que o Augusto não está aqui hoje, eu queria entender.

Eu não sei direito o que aconteceu lá na faculdade na terça-feira, eu vejo que algumas avaliações são positivas, mas vamos mergulhar nesse mundo chamado Show Medicina, vai, vamos mergulhar.

Além dos caras falarem que contratam prostitutas e tal, vamos entender esse mundo, Show Medicina, porque a carta do Bolini é uma carta bem escrita, porque os outros que vêm aqui ficam fazendo assim, “Sim, não, sim, não, talvez, nenhuma das anteriores, sim, não talvez...”, parece cara que só sabe preencher quadradinho de vestibular.

Então eu queria ver com vocês pra gente fazer essa discussão, chegou o momento da gente. Está acabando a CPI, a gente já fez um relatório, evidente que nós vamos completar o relatório com os CDs, com os hiperlinks, então eu queria ouvir um pouco vocês.

A AUDIÊNCIA – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – É, então, as informações que eu sei oficialmente sobre o show...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pede pra Lia descer aqui pra mim, por favor, Koba, que agora vai demorar um tempão. Vamos lá.

O SR. ALAN BRUM – O show ele tem muitos registros, assim, no sentido de fotos das apresentações, só a parte da apresentação, que é sempre o que a população da sempre vê.

É que esse espetáculo conservador, atualmente racista, xenofóbico, machista e tal, mas ele passou por várias fases diferentes, ele tem 70 anos.

Então a configuração atual, da estrutura política dentro do show, das relações de poder ali, as formas de organizar o ensaio, de contratar prostitutas e tal, isso depende de épocas, isso nem sempre foi igual, tanto que o show, ele é marcado.

A Faculdade de Medicina ela tende a ter um comportamento muito conservador, se você vai estudar a Reforma Psiquiátrica no Brasil, você vai estudar os relatos dos chefes, existe um documentário, que chama... Ai, não sei, “Socorro ao...”, enfim, o IPQ fez um documentário, o IPQ, Instituto de Psiquiatria, de lá, eu não conheço muito bem, mas fez um documentário atacando a luta antimanicomial, por exemplo.

Esse tem sido o papel da Faculdade de Medicina no século XX.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. ALAN BRUM – Isso está no *Youtube*, esqueci é “Socorro...”, alguma coisa socorro, eu vou...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – É sobre a Reforma Psiquiátrica, procura IPQ, enfim, o ponto é o seguinte, é muito mais fácil que os shows...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – O documentário? Não sei, foi um pessoal do IPQ.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá.

O SR. ALAN BRUM – Desculpa usar uma referência que conheço pouco, assim, eu não tenho de cabeça, não estou lembrando direito.

O ponto é o seguinte, houve tempos em que o show eventualmente não foi tão fascista quanto ele é hoje, houve, talvez... O que eu ouvi de relatos dentro do show, é que o show que foi dirigido pelo Drauzio Varella, em 196... Foi em 1964 o dele?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Alguma coisa assim. O show que ele dirigiu foi uma crítica a ditadura, o que eu ouvi falar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Sim. Logo depois, as coisas, o que eu ouço, é que degradingaram bastante e o show assumiu uma característica bem parecida com a Atlética durante a ditadura, que foi representá-los... A CCC, qual que é o central?

O próprio Reinaldo Morano fala, que o cara que delatou ele na faculdade era do show, ele fala que foi um pessoal do show que estava meio relacionado ao processo de delação dele, que foi aí que o show deu uma guinada pesada para a direita.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENANTA MENCACCI COSTA – É, então, isso foi um ponto interessante quando eu li o texto que ele escreveu, que ele só coloca a parte que o show assume uma posição contrária a ditadura, mas inclusive parece, me corrija se eu estiver errada, mas a saída do Morano do Show Medicina, ela está muito ligada com o episódio que aconteceu logo após a direção do Drauzio.

Que parece, acho que foi no ano que alguns alunos da faculdade sumiram, desapareceram, foram mortos, e foi sugerido que o show fosse suspenso, que não houvesse apresentação do show.

E uma parte do Show Medicina pegou e falou que o show tinha que acontecer, que não podia parar, mesmo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, agora me diga uma coisa, (Ininteligível).

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Desde então ele (Ininteligível), será que não era legal a gente (Ininteligível).

Primeiro, será que não era legal primeiro me arrumar mais um microfone?

E segundo, será que não era legal a gente fazer, assim, antes de terminar a CPI, fazer uma discussão, normal, todo mundo por as suas posições, a favor do show, contra o show, a transição do show, já que está em discussão o show, o show está sendo criminalizado, a gente já chamou de fascista, vocês estão chamando o show de fascista, não seria legal a gente fazer uma roda de depoimentos?

Eu acho que a Atlético eu não vou perder tempo com isso, mas o show e a eugenia eu acho que nós tínhamos que recuperar.

Então, pra gente fechar com uma coisa mais avançada, mais propositiva e não os caras virem aqui e ficar “O, o, o, sim, não, o, o, o...” , enganando a gente, mentindo na maior cara dura.

O SR. ALAN BRUM – Adriano, uma coisa que é complicada é o seguinte, você está falando desse debate amplo, desse diálogo...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês têm conversado com o Reinaldo e tal? Isso que eu queria entender.

O Milton mesmo veio aqui outro dia, falou, foi embora, isso a gente está precisando, esse *feedback*, entendeu?

O SR. ALAN BRUM – O único... A única pessoa, o único sapo do show, que é um velho do show, ou seja, é um ex-membro do show que doou dinheiro pro show por muitos anos e que se colocou nesse momento, foi o Drauzio, que eu ouvi falar, não ouvi falar de mais ninguém, o Reinaldo Morano sumiu.

Eu fico pensando assim, eu estou aqui, vindo numa CPI, que não é uma coisa muito tranquila, a gente está conversando aqui numa boa, mas não é uma coisa muito tranquila, isso está gerando uma série de consequências para a minha vida.

Eu não vou perder o meu tempo indo atrás de sapo do show, pedindo pra ele fazer denúncia, pra ele me ajudar numa denuncia. Uma instituição que é claramente fascista, a gente viu vídeos aqui, nessa Audiência, e não foi só um, eles fazem isso todo ano, dos caras falando de caras chatas pra nordestino, falando assim, nesses termos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu sei, espera um minutinho, Alan, eu tenho que resolver uma coisa urgente.

Então vamos lá.

O SR. ALAN BRUM – Então, Adriano, só...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu não quero acabar essa CPI com essa coisa amarga na boca, entendeu?

O SR. ALAN BRUM – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que a coisa não está... Eu acho ruim que o Bolini não tenha vindo fazer o depoimento.

O SR. ALAN BRUM – O Bolini vai vir e ele vai fazer igual ao que o Silvio fez, ele não vai pegar o que o...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O texto dele e desenvolver.

O SR. ALAN BRUM – Esse foi o padrão?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vamos fazer nós, pelo lado inteligente, pelo lado são. Vamos fazer nós pelo lado inteligente, acho que está faltando.

Porque eu vou falar uma coisa, mesmo acabando o meu mandato de deputado, e acabando a CPI, uma das coisas que eu vou fazer na vida é pegar todos os CDs, os DVDs do Show Medicina, todos esses vídeos da loucura, do coiso, do caso dessa

menina de hoje e tal, que é o negócio de entrar na carreira universitária, e vou fazer disso uma militância, assim como eu faço com a Comissão da Verdade e tal.

E eu quero dizer na cara deles que eles são a nova direita no Brasil, o fascismo, tal, quero falar na cara deles.

Só não fui lá no negócio da Medicina, porque eu achava muito ruim, muito desproporcional, uma coisa do meio acadêmico e tal e eu entrar como político e tal, parece aquela coisa ruim, né?

Mas eu estou afim de fazer um debate na cara deles, enfrentá-los, porque acima de tudo eles são péssimos, eu vi uma retrospectiva da obra do Chico no domingo, maravilhosa, e eu queria sentar numa cadeira e falar: Olha, vocês são uns analfabetos! Uns atrasados, olha que coisa grotesca que vocês fizeram.

Bom, mas então eu quero ouvir vocês, o que eu já tinha que falar, já falei, vamos.

O SR. ALAN BRUM – É, você perguntou, assim, o lado subjetivo deles. Eles sabem que o que eles fazem é errado, eles sabem.

Você acha que o cara estourou a porta do SVO, ou sabem que quando eles fazem grandes festas com prostituição dentro da faculdade eles escondem tudo isso, é por isso que eles ameaçam as pessoas de suicídio social quando isso acontece, porque eles não querem que ninguém saiba, então eles sabem muito bem que é errado.

E assim, com todo o respeito, a luta de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas a minha pergunta é a seguinte, vocês ganharam o debate?

O SR. ALAN BRUM – O debate público?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O debate (Ininteligível)
O debate interno?

O SR. ALAN BRUM – Essa...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Imagina...

O SR. ALAN BRUM – Essa militância sensibilizatória...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã.

O SR. ALAN BRUM – Humanizatória, das pessoas entenderem e falarem assim
“Nossa, que absurdo.”

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lá for aja está, a gente já conseguiu, e lá dentro?

O SR. ALAN BRUM – Não, porque eles foram...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eles vão continuar com 60 dias de...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Vão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Reclusão.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, esse dias a gente inclusive conversou, ontem, ontem à noite na verdade a gente conversou, a gente recebeu um e-mail do CAOC falando sobre o dia de amanhã, que é o dia que as extensões da Faculdade de Medicina vão se apresentar pros calouros.

E assim, extensões incluem aquelas que são mais acadêmicas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, extensões acadêmicas como as que vão fazer atendimento, ou até em extensões como o grupo de dança, grupo de música, o Geni vai se apresentar, a (Ininteligível) vai se apresentar e ontem à noite a gente recebeu um e-mail falando que o show iria se apresentar também amanhã, fazer uma apresentação de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com esse novo diretor, que tem o nome (Ininteligível.)?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É o Erikson Hoff.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Erikson Hoff.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E a gente recebeu esse e-mail dizendo que o show iria se apresentar, que seriam cinco minutos de fala, como todas as outras extensões, e isso foi uma coisa que não tinha sido acordada até então.

Todas as reuniões que tiveram das extensões, o show nunca compareceu, o CAOC assumiu o erro pra eles, falou que ele que tinha esquecido de convidar o show, e daí hoje teve uma reunião que a gente foi se colocar.

Enquanto o coletivo, tanto o (Ininteligível), quanto o Geni, quanto coletivos auto-organizados, que lutam por direitos humanos, a gente acha que o show não deveria ter esse espaço, tendo em vista a história dele e que isso configura uma impunidade dentro da faculdade.

Nesse começo de ano, pra recepcionar os calouros, não houve nenhuma mudança nas atividades do show. Eles tiveram o espaço deles no dia da matrícula, e vão ter o espaço deles de apresentação ali, cinco minutos pra falar o que é o show para os calouros.

E a gente achava que esse espaço não deveria ser cedido, mas ele foi e eu acho que isso é que é importante da gente destacar aqui, que hoje o CAOC ele respaldou, para que o show se apresentasse e eu inclusive fiz uma fala nessa reunião, dizendo que o CAOC tinha que entender que representatividade não significa representar absolutamente todas.

E que nesse caso eles estavam escolhendo representar o show e o que ele significava e não as pessoas que se sentiam agredidas pelo show e que isso era, finalmente, o CAOC se posicionando politicamente, saindo dessa suposta neutralidade e se posicionando politicamente, e se posicionando favorável a uma instituição que sistematicamente desrespeita direitos humanos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.), só um minutinho.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E o pró-reitor...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Você não acha que talvez eles estão procurando esses cinco minutos de espaço pra fazer um discurso que passe mel na boca de todos nós nesse exato momento e daqui a pouco, quando a CPI termine, etc., etc., etc. e tal, tudo volte a ser normal?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu tenho certeza.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Então é exatamente isso, até porque, aí eu vejo a importância de você fazer, deixar eles passarem esse mel, porque daí, se acontecer qualquer coisa e o discurso mudado, altera a palavra do reitor, altera tudo o que foi combinado aqui.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sim.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – E aí há condições, eu acho, de fazer outras intervenções, eu acho, que mais judiciais, digamos assim.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, não... O espaço foi cedido a eles, o que eu queria pontuar era...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu acho que é assim, o espaço foi cedido, agora resta ficar bem em cima, pra saber o que vai ser feito com esse espaço.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, com certeza a gente vai estar lá amanhã.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É, então, só por isso, porque a partir do momento que foi cedido, porque de repente, se você cerceia o cara de uma vez, aí ele usa um outro discurso dizendo o seguinte “Nós queríamos mudar e você me proibiu de ter a chance de mudar.”

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, então...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas aí, dependendo do que eles falam e como se fala, a gente...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Pode cobrar.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Pode cobrar e ter isso documentado, como sempre, esse é boa, isso não sei o que...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que, por exemplo, esse espaço que vai ter amanhã não é um evento deliberativo, então o que eles falam lá não vai estar constando em ata, por exemplo, a gente teria que ter uma gravação.

Mas o que eu queria colocar é que o Centro Acadêmico resolveu ser representativo desses estudantes e não dos estudantes que se sentem violentados e que o professor José Otavio Auler também.

Hoje a gente conversou com o Auler e ele se colocou favorável a uma apresentação do Show Medicina, inclusive deu indicativa de que o show vai continuar existindo.

Ele falou que vai colocar as exigências, de que as mulheres se apresentem, de que não vai mais ter ensaios noturnos, vai estar proibido o consumo de álcool, mas daí eu queria problematizar, que as pessoas que estão compondo o show este ano são as mesmas que compunham o show até então e que houve uma mudança de mentalidade dessas pessoas.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É, pode até ter uma mudança no método, mas não na mentalidade.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E que eu acho que a gente teria que ficar atento nesse caso, que as opressões que eles manifestam na sua estrutura, elas vão ser manifestadas de outra forma.

As músicas vão continuar tendo o mesmo conteúdo, os quadros vão continuar tendo o mesmo conteúdo, e isso tem uma carga ideológica forte, não é uma carga ideológica que respeita os direitos humanos se eles continuarem a seguir essa linha.

O que eu defendo, e isso eu gostaria de reforçar, de novo, pro professor José Otavio Auler e pro CAOC é que o show precisa de uma mudança muito mais radical do que essas mudanças impostas verticalmente.

Ele precisa ter uma mudança de geração que não vai acontecer com a entrada só da Turma 103, vai acontecer daqui seis anos, quando mudar e todos esses alunos que compõem o show atualmente e não estiverem mais na faculdade.

E tem que ter uma mudança real na materialidade...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – O que lá não é verdade, porque para você desconcentrar ali, qualquer coisa, só levando um século.

O SR. ALAN BRUM – E tem uma questão que é assim, você perguntou se a gente está ganhando debates, né, foi desse jeito? E é muito difícil de fazer esse debate, porque a gente continua sendo poucos, dentro de uma faculdade que é enorme e eu acho que o único grupo que está realmente disposto a ouvir, redescobrir a faculdade, são os calouros.

Então no fundo há uma disputa para contar a verdade para esses calouros, mas o grupo do show inteiro é isso, vocês não viram aqui? Tava aqui, o que o Vinicius diz é assim “Prostitutas? Isso é um absurdo, absurdo.”

Tinha um cara e ele fez esse papelzinho aqui, todos eles estão fazendo a faculdade também, então é assim, eles negaram tudo o que a gente disse, pra eles...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Valeu a pena (Ininteligível).

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Foi...

O SR. ALAN BRUM – Não, os calouros...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Foi a sensação que eu tive hoje, depois dessa reunião com o CAOC.

Adriano, eu saí da reunião muito abalada, assim, porque, poxa... A gente está tentando levar debate, mas ainda assim a representação estudantil da Medicina não está com a gente, nem a diretoria.

O SR. ALAN BRUM – O que eu sinto nesse momento é o seguinte, o que está bem descolado do curso inteiro ainda, que ainda está se formando, é o calouro, que chega na universidade e ele vai tentar se encaixar depois de ter consciência, de ter tido oportunidade de ver uma CPI.

Que é o que a gente está discutindo nessas instituições, mas o grosso dos veteranos que compõem as maiores instituições e o show e a Atlética têm os maiores equipamentos sociais.

O show, sei lá, tem R\$ 70.000,00/ano para construir um grande espetáculo, comprar bebida à vontade, fazer um monte de coisa e a Atlética tem todo o equipamento social, então ele têm um poder de agregar pessoas.

Essas instituições vão se agregar mutuamente, porque elas estão recebendo críticas e denúncias, e no fundo, quando a questão é discutir machismo, elas têm semelhanças pesadas.

E quando não são semelhanças, elas têm suas particularidades, é claro, mas quando não são semelhanças, pelo menos a defesa da Confraria dos Espadas, é igual. Os machistas, muitas vezes, são os mesmos, são caras que treinam judô, rugby, ele foi diretor da Atlética, ele tá no show hoje, a gente tem os três últimos presidentes do CAOC, uma era costureira, dois eram presidentes do show, essas instituições elas estão aí, esse é o grosso da faculdade.

Elas não vão mudar, parece absurdo, né?

Eu estou aqui falando essas coisas, estou falando de um grupo que usa de forma privatista, mas tão privatista a faculdade, que chega a fazer festa de prostituição, ficar pelado, jogar cerveja um na cara do outro, brincar de passar o pau na mesa das... É desse jeito, a piada é essa.

Passar o pau na mesa do anfiteatro da sala de aula e esse é o nível de privatismo, e as pessoas não estão numa rebelião contra o show.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não estão numa rebelião e a gente vê isso, porque nesse começo de ano o show não foi impactado de nenhuma forma, os membros do show estão indo todos os dias na faculdade com camiseta do show, estão tentando disputar os calouros, entregaram cartinha pros calouros no dia da matrícula, falando que os nossos depoimentos aqui, que não é pra acreditar em tudo o que se diz sobre o Show Medicina.

Amanhã vão ter o espaço deles pra se apresentar para os calouros, então é assim, as atividades do show, por enquanto, permanecem inalterada.

O SR. ALAN BRUM – Ontem, inclusive, o pessoal, como não está tendo festas de noite, as atividades são durante o dia e acabam, não está tendo festas e aí o pessoal chama “Vamos tomar uma cerveja, vamos sair, fazer alguma coisa.”

E bastante gente ontem foi pra um bar, por exemplo, e estavam os sapos do show, uma galera do show cantando nas mesas, os calouros, uns 30 calouros, o pessoal ali, normal, normal, e assim, tá continuando.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E cantando as músicas do show, que são músicas que foram produzidas até o ano passado e que o conteúdo a gente já conhece, foi exposto aqui, publicamente.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – A CPI, por mais que ela faça, e que vocês estão fazendo, nós não vamos conseguir mudar esse comportamento da noite para o dia, talvez, não sei deputado Adriano Diogo, se conversasse com OAB para mandarem um representante para acompanhar isso, acompanhar o movimento.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Seria interessante.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Eu acho que seria pelo menos... Porque aí nós estamos escolhendo um grupo neutro, que tem uma representatividade, que vai ter uma legalização na sua apresentação de dados, eu talvez, faria isso.

Não sei, o que o senhor acha, presidente?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu acho que é um movimento cíclico, o Brasil está entrando numa onda, mega onda, conservadora e quem vai ter que mudar a realidade são eles que estão lá dentro, eles é que vão ter que discutir com os alunos ingressantes e ver qual vai ser a resultante desse processo.

Eu acho que de fora pra dentro, o que a gente poderia contribuir, nós contribuimos, mas a luz vai apagar, tanto é que a onda conservadora é tão forte que nenhum de nós que está nessa Mesa, tocando a CPI, foi reeleito.

Nem Ulysses Tassinari, nem o Marcos.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então é o seguinte, então a nossa derrota é produto da onda conservadora.

Agora, se esse movimento que a sociedade fez, de expor o Show Medicina, da criminalização do trote, de todas essas formas, não forem suficientes pra que eles enfrentem, aí é natural, é da história.

Não dá pra gente chamar ninguém que tenha super poderes, OAB, quem quer que seja, é a sociedade, tem a sua entropia natural.

Eu acho que eles estão saindo, eles entraram super acuados nesse processo, estão saindo vitoriosos, politicamente, eu acho que os caras estão derrotados, porque a pior coisa do mundo é quando o cara mente, quando o cara dissimula, quando o cara não segura as posições.

Eles saíram daqui humilhados, pela falta de postura.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Essa CPI não pode apresentar um relatório final...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Com o tempo vamos fazer.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, não, pro grupo que está entrando, olha, nós fizemos isso, fizemos esse levantamento, aquela fantástica ideia do relatório, que está disponível com todos os hiperlinks, acordar as pessoas para olharem isso e aí sim, eu entendo que é uma questão de conscientização.

E que a conscientização e que esse amadurecimento e essa mudança ainda tem tempo pra ocorrer, ela não vai ocorrer de imediato.

Mas, eu ainda assim, eu entenderia que poderia fazer parte do nosso relatório final da CPI a apresentação final desses dados, e colocar...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu acho...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Todos os que vieram aqui prestar o relatório e o hiperlink para que as pessoas não aleguem ignorância posteriormente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu acho que o discurso deles não se sustenta, você viu aquele negócio que o menino deles veio apresentar aqui, do Lotufo, ontem?

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não sei se você estava aqui ontem.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Não, não estava.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, o professor Lotufo fez um trabalho sobre o uso de drogas e álcool no ambiente universitário e deu como exemplo as, como é que chama? Não é Marathon, é...

O SR. – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

O SR. – Maratomas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Maratomas, que é um processo de embebedamento que tem lá na Poli, que o cara toma dois copos e é obrigado a sair correndo pra vomitar.

Então, todo esse quadro de que a gente fala é de uma decadência, de uma decadência total. A gente expôs uma universidade, uma Medicina, tudo, que é uma vergonha.

Eles entraram assim, super empoderados e tal e eles saíram, o Brasil conheceu como é que é o submundo das universidades, em particular das faculdades de medicina.

Eu acho que no discurso eles saíram vitoriosos, porque primeiro que eles trouxeram, os alunos aqui, uma visão da modernidade, que até então a discussão estava

se era Direita ou Esquerda estava no Centro Acadêmico, se a Direita ou a Esquerda estava na Atlética, e se o show era, mais ou menos, progressista.

De repente eles colocaram uma nova realidade e eles impuseram, de uma forma positiva, essa discussão da realidade.

Eu acho que a análise deles está errada, eu acho que a análise deles está errada, de achar que os caras estão vitoriosos, que o show vai querer se expor, eu acho que eles foram escoraçados pela sociedade.

E que essa geração deles vai dar, vai fazer a virada, agora, eu, embora eu não seja positivista, eu sempre acho que quem está com a razão, quem está na luta, quem está com o pólo mais progressista, demora, mas sempre vence.

Eu não acho que o crime, eu não acho que o crime...

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Compensa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Compensa, que o crime ganha sempre, que a sociedade é burra e aposta no crime, que a sociedade é fascista, não, eu vejo um mundo progressista.

Eu acho que nós abrimos a violência obstétrica, o que eu fico desanimado é com a análise deles, porque eu acho que a análise deles não coincide com a realidade, não coincide.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – Mas deputado, é...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você pega o Auler, antes da CPI e pega o Auler depois da CPI, você pega a Medicina antes da CPI e a Medicina depois da CPI, não é CPI, CPI que eu digo, eles, CPI que eu digo é sinônimo da resistência deles.

Então quando eu vejo que eles não valorizam o próprio produto da luta deles, deles, porque eles em cinco ou 10 pessoas, eles viraram a cara do Brasil, eles puseram para o Brasil uma coisa que não existia. Com a palavra.

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – É que eu corroboro as palavras que o deputado colocou, mas existe uma situação, e o senhor há de convir comigo que ela é

verdadeira, de que quando a gente faz parte de um processo, e está efetivamente no meio deste processo, a gente não consegue avaliar muito ganhos e perdas.

E vocês falam com a beleza e com a juventude que vocês têm, e nós estamos falando com a beleza e a velhice que nós temos, então, dentre essas duas etapas, existe um negócio que se chama amadurecimento, nós conseguimos enxergar e comparar vocês num movimento social enorme.

A nossa geração, a minha e a do Dr. Adriano, foi a geração que mais transformação teve, nós, eu sempre brinco muito com isso, nós saímos de apontar lápis com gilete, que era uma marca, né? Nós apontávamos lápis com gilete pra chegar aqui e fazer uma pergunta assim pra você hoje: Quando eu apago no meu *Facebook* o documento, ou seja lá no meu *Messenger*, zip, mip, zop, tanto nome né? Zap, por aí vai, fica no seu ou fica no meu?

Então nós passamos por essa geração de uma forma muito atabalhoada, e tivemos que sobreviver a isso, nós somos sobreviventes dessa imposição de mudança de mundo muito rápida e vocês estão vivendo estão vivendo essa mudança de mundo muito, muito rápida.

E nós tivemos já um tempo pra viver, pra pegar isso, pra amadurecer e ter essa visão, não necessariamente positivista, mas nem tão maléfica de que as coisas, com o seu tempo, ela se encaixa.

Então a primeira coisa que eu vou falar é como mãe, sua e sua, porque eu tenho idade pra isso, não estou falando como política, vocês são pessoas, o grupo de vocês são pessoas que são especiais nesse mundo que nós estamos vivendo hoje.

Segunda coisa, que relativizaram demais a palavra verdade e deram muito pouco tempo para que a verdade exista, porque antes, uma verdade, ela era praticamente eterna.

Eu comprava um livro, em 1975, eu estava estudando num livro que tinha sido publicado em 1956, e eu copiava esse livro, hoje, o professor acabou de dar aula, amanhã, quando você chegar na sala de aula, dependendo do que ele falou, você já da pra contrapor e ele ficar em situação apertada se ele não se atualizou, então o que antes levava-se anos, hoje pode-se levar minutos, e aí, sim, 100 por um, cabe.

Então eu entendo assim, vocês saem vitoriosos, sim, a universidade sai machucada, ferida, pela sociedade, muitas pessoas já começam a olhar a universidade de forma diferente, e eu entendo que, ainda que se coloque que nós não temos que usar nenhuma aparato repressor ou qualquer coisa assim não é o nosso foco aqui.

Eu ainda entendo que a gente teria que mostrar de alguma forma que essa CPI está viva, e que até dia 15 de março ela vai estar olhando as coisas.

Como amanhã é sexta-feira, devia achar um olho de algum jeito.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então, agora eu quero fazer uma pergunta, por exemplo, vamos aos fatos, eles falaram aqui que não tinha contratação de prostituta e tal, aí você discute com o Bolini e o Bolini fala “Olha, esse negócio de contratar prostitutas não é uma coisa tão antiga, quem contrata prostituta é o Soroca isso e aquilo.”

Só que o Alan conta que uma coisa... Ah, tem a prostituta da Atlético, que é aquele negócio da menina ir lá na barraca, tal, e o cara beber no umbigo dela, tomar no peito dela a bebida. A prostituta do show é outra.

Então vamos pegar esse embalo e vamos falar as coisas factuais que vocês sabem, vamos lá.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, em relação à prostituição é mais ou menos isso que o senhor falou, o que o Rodrigo me contou, que tem na conversa, é que quem começou com a prostituição de fato, foi o Flavio Miorin, o Sorocaba, em 2013.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Flavio Miorin.

O SR. ALAN BRUM – Posso?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Desculpa, em 2012.

O SR. ALAN BRUM – Começar com a prostituição quer dizer que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Flavio Miorin já veio aqui?

O SR. ALAN BRUM – Posso?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, ele nunca veio.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Quando ela fala prostituição, ela se refere à prostituição dentro do teatrão, no anfiteatro da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, o que eu quero dizer é assim, antes, antes do Sorocaba ser diretor geral do show, existiam esses eventos dentro da faculdade, mas eles eram realizados com *streepers*, os homens do show não encostavam nas mulheres, era um show que elas faziam, mas não havia relação sexual, não havia contato físico entre eles.

Quem teve a ideia de trocar as *streepers* por prostitutas foi o Sorocaba, em 2012.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Dois mil e?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Doze.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Doze.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Daí teve essa troca e a partir daí foi mantido. Foi aí, então, a prostituição mesmo.

O ritual com o ato sexual que eles fazem, começou em 2012. Antes existia a presença de mulheres, que também eram objetificadas, mas eram *streepers*, não havia toque, ninguém tocava nelas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas a esfiha é desde quando? Desde quando existe a expressão esfiha?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – A expressão esfiha existe há muitos anos, e o esfiha é o homem que vai atrás dessas mulheres. Antes, o esfiha ia contratar *streepers*, e atualmente o esfiha vai contratar prostitutas.

A mudança que teve foi essa, na verdade. Essa tradição de objetificar a mulher existe há muitos anos, eu não sei quantos, mas existe há muitos anos, só tem essa mudança em 2012, que ao invés de ser *streepers* passaram a ser prostitutas.

Ao invés deles só assistirem uma apresentação, eles passam a ter relações sexuais com elas, enfim...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então... Porque o show é numa madrugada, numa noite.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí as meninas de programa, vão lá?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Aí eles saem com elas ou eles vão lá pra...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, são dois dias, o SS, que significa Social Show.

O SR. ALAN BRUM – Interno e externo.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, tem o interno e o externo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, tem o SS?

O SR. ALAN BRUM – Olha, o que eu poso falar que desde...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem o SS interno e o SS externo?

O SR. ALAN BRUM – Isso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tem.

O SR. ALAN BRUM – O interno é o...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O SS é abreviatura?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É o Social do Show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – A abreviatura do Social do Show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Social do Show?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, Social do Show.

O SR. ALAN BRUM – Então, o Tófoli quando ele faz a denúncia...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tófoli é...

O SR. ALAN BRUM – Quando o Alan Garcia e o Tófoli fazem a denúncia do SS em 1993, eles, provavelmente não existia SS interno.

Eles colocavam terno, e saiam da faculdade pra ir pra um bordel, ou pra um hotel em que eles chamavam prostitutas, mas ele não está se referindo a vinda de prostitutas pro espaço público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

O SR. ALAN BRUM – E acho que é um diferencial muito grande.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lógico.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esse é o segredo que o Bolini conta pra vocês?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que a partir do Soroca...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Deixam de ser *streepers*...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E do Soroca e o outro que é lá de, não é de Botucatu, é de Avaré, que vocês falam, o Bolini, né?

O SR. ALAN BRUM – Sim.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O Rodrigo é de Avaré, o apelido dele é Barata.

SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, tem um outro que vocês falam.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É o Flavio...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Flavio Miorin.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Que é o Sorocaba.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que é o Sorocaba.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Da sua cidade.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Pra você ver, né?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (ininteligível.) E aí começa a contratação de... O que é esse SS interno?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então SS interno, acho que o Alan pode até falar melhor, mas é quando eles trazem as prostitutas pra dentro da faculdade.

O SR. ALAN BRUM – O SS... Aparentemente, pelo que eu ouço falar do show, ele passou a ganhar muito mais dinheiro nos últimos tempos.

Então antes eles não tinham tantos recursos pra chamar tantas prostitutas de uma vez.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – As meninas ficam lá no palco ou na plateia?

O SR. ALAN BRUM – As meninas?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que as *streepers* vinham para o palco no dia do show?

O SR. ALAN BRUM – Então, desde que eu entrei... É assim, eu entrei no show no ano em que o diretor era o Flavio Miorin, que é o Sorocaba, então o que eu vi no show foi isso.

O único show que eu vi os SS, porque eu fiquei dois anos, mas eu só vi no primeiro, porque você não é obrigado a participar e eu não participei no segundo ano, mas no primeiro ano eu vi só o Sorocaba.

Então do Avaré, do Bolini a organização deles das prostitutas, que foi semelhante a do Sorocaba, dizem que foi melhor, o que os amigos diziam na época é que foi ótimo, mas eu só vi isso com prostitutas dentro da faculdade.

Então até... Na verdade, eu achava que essa conversa, quando eu vim aqui pela primeira vez, na Audiência Pública de 21 de novembro, do ano passado, eu achava que

era assim sempre, inclusive, eu achei que sempre tinha sido assim, porque não tinham me apresentado uma outra realidade.

A única vez que eu vi foi na faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá. Koba, pede o último Show Medicina, o CD do último.

Agora, as *streepers* iam pro palco, no shows anteriores, dos mais velhos, no tempo do Alan Garcia, do Quibe, as *streepers* faziam parte do Show Medicina?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, não, elas são chamadas em uma noite só, que é durante um dos ensaios, que não é um ensaio.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, seria uma festa que eles fazem entre eles.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah, é nos ensaios...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não é uma apresentação pública do show.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas tinha prostitutas que fizeram um cara ir pra um bordel.

O SR. ALAN BRUM – Isso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas a prostituta vai lá e dorme com ele na faculdade?

O SR. ALAN BRUM – Isso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Transa lá nos sofás?

O SR. ALAN BRUM – Isso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso mesmo.

O SR. ALAN BRUM – No palco.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – No palco do teatro da faculdade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah... No palco?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que o SS...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Lá na Casa de Arnaldo?
Lá no teatrão?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É.

O SR. ALAN BRUM – Isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas nos ensaios ou no dia do show?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Nos ensaios.

O SR. ALAN BRUM – No ensaio.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – No ensaio.

O SR. ALAN BRUM – No dia do show ninguém sabe.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O dia do show é só pra apresentação teatral que eles...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São duas apresentações do show ou uma só?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – São dois dias de apresentação.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Duas noites?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – A quinta-feira, que é fechada para os alunos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E na sexta para o público.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E no sábado, que é aberto ao público e os pais vão assistir.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Os pais vão assistir?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Vão.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E é o mesmo enredo?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É mais ou menos o mesmo enredo, eles fazem algumas alterações, algumas piadas que são mais pesadas eles tornam mais amenas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi, agora eu estou entendendo.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Mas a questão do SS, que eu acho que é importante pontuar, enquanto mulher que ficou sabendo disso, é que pra além deles fazerem só, pra eles fazerem a mulher de objeto sexual, eles usam o sexo como poder.

Então eles fazem toda uma apresentaçõzinha, antes de todos os caras do show poderem ter acesso as prostitutas.

Então os primeiros homens que têm acesso as prostitutas são os que são mais, que estão mais altos na hierarquia, então seriam os diretores e os sextos anos. Eles são os primeiros que podem encostar nas mulheres e ter relações sexuais.

Então eu entendo isso como o máximo da objetificação, você...

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, você demarca o seu poder usando a mulher como objeto sexual.

O SR. ALAN BRUM – E como...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso é muito cruel.

O SR. ALAN BRUM – E como geralmente são menos prostitutas do que os membros do show, então elas transam com mais de um homem e geralmente os primeiros a transar são os que têm maior poder, veteranos, diretores.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então quer dizer que vocês abriram o segredo que eles não abriram por 70 anos.

O SR. ALAN BRUM – E não continuaram abrindo até agora, porque na faculdade eles estão dizendo outra coisa.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, eles gostam de dizer, de falar que a gente inventou isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã? Inventou? Entendi.

O SR. ALAN BRUM – Todos que vieram depor inventaram tudo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

Tá bom, e conta mais então, vamos contar, e onde que eles fazem... Onde que... Como as meninas são contratadas, qual é o critério, onde contrata?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Por exemplo, eu fico querendo entender uma coisa, é uma faculdade de medicina.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Sim.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hoje em dia... Antigamente, ir na zona, estudante de medicina, vestibulando, era uma coisa assim, que fazia parte da cultura, da iniciação, sei lá.

Hoje tem Aids, e depois, ninguém mais precisa, em qualquer idade, precisa contratar uma prostituta, pagar, o negócio da relação está tão aberta, né?

Como é que o estudante de medicina vai transar com uma mulher que pode estar doente, infectada, como é que é essa loucura e levar para os meninos lá, como é que é numa faculdade, ainda mais com a Pinheiros? Que é tão...

E esse negócio atrasado, contratar, tem algumas boates que eles se relacionam? Porque eu estou aprendendo aqui na CPI, que tem uma cadeia de empreendedorismo nesse negócio das Atléticas e tal, que é pegar meninas universitárias recém-ingressantes, trazer elas para as festas, principalmente *ladies first*, pagar o aluguel delas e elas se tornam garotas de programa de boate, ao mesmo tempo em que são universitárias.

Vocês têm ideia disso?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Disso que o senhor falou agora, desse negócio das meninas universitárias, eu realmente não tenho ideia.

Eu só queria pontuar uma coisa na fala do senhor, se o senhor me permite, é que o senhor fez uma associação um pouco problemática em relação à prostituição e às

doenças sexualmente transmissíveis e a gente tem que tomar um pouquinho de cuidado com isso.

Apesar dos profissionais do sexo, de uma maneira geral, estarem no grupo de risco à gente tem que tomar cuidado em falar “Ah, se relacionar com esse tipo de pessoa tem o risco de doença.”, pode ter uma carga preconceituosa nisso que a gente tem que tomar cuidado ao falar.

Mas para além da...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você pode esclarecer? Que eu sou tão antigo que eu fico imaginando, sabe aquelas meninas que ficam na Cidade Jardim? Ou lá na entrada, não é preconceito, é uma coisa assim, que eu não posso entender como que no século XXI a pessoa não pode ter uma relação com qualquer pessoa e transar de uma forma de amor, como se a transa fosse uma consequência do amor.

Eu não consigo entender essa coisa da contratação, é muito mais essa coisa da contratação, desse imponderável, e eu não entendo como é esse mundo, como é que se penetra nesse mundo, isso que eu quero saber, como é que contrata, quem contrata, se tem gente especializada nisso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, essa questão do amor e como que as pessoas acabam se prostituindo eu acho que é uma discussão complexa demais, mas que ela é determinada socialmente.

As pessoas se prostituem por necessidade, a sociedade se organiza de uma forma cruel e que acaba jogando elas nessa situação que elas precisam fazer isso pra sobreviver.

Mas quem contrata as prostitutas dentro do Show Medicina é o cargo do esfiha. O esfiha, ele...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem um cara que chama esfiha (Ininteligível).

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tem um cara, que ele chama esfiha, e a função dele é ir atrás...

O SR. ALAN BRUM – De um a três.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, a função desses...

O SR. ALAN BRUM – O ano que eu vi eram três.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Três esfihas?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É. E a função deles é ir atrás das prostitutas, escolher quais são mais adequadas e pelo que eu soube, são prostitutas de luxo.

Então é assim, o show gasta muito dinheiro com prostituta, não é pouco dinheiro, aliás, os maiores gastos do show não são com as apresentações teatrais deles, são com prostitutas e com álcool.

Eles gastam muito dinheiro e são sempre prostitutas de luxo, eu não conheço casas de...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Que prostitutas?

O SR. ALAN BRUM – É, suponho...

A AUDIÊNCIA – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Suponho que é uma questão do quanto a prostituta cobra pelo serviço dela.

Eu poderia também fazer uns comentários, deputado?

Eu não sou mais adequado, eu acho que a Renata fala muito melhor do que eu sobre o assunto, mas o que a prostituta representa, simbolicamente, tem tanto essa mercantilização do corpo e esse papel de subjugação, como tem uma outra dimensão, que é uma quebra das convenções que incriminam a sexualidade da mulher na sociedade.

Que é um papel anticonvencional, um papel empoderado da mulher, então é complicado, quando a gente não... Você fez uma análise assim, tipo, como que esses caras... Tá tão fora, como assim?

Acho que tem todo o sentido, as maiores críticas que a gente faz, num plano amplo, à prostituição é a questão da exploração sexual, no sentido assim, como a gente transcende a própria exploração de uma sociedade extremamente desigual, excludente, etc., e transcende para uma exploração sexual, e que, sim, é um serviço que a mulher está negociando.

E ela pode fazer isso, e às vezes vale muito mais a pena do que um trabalho que é extremamente precarizado, é uma escolha, faz sentido, mas a crítica é no sentido de uma mercantilização do corpo dentro de uma sociedade desigual, excludente.

Uma outra esfera, que é o que eu acho mais problemática no show, que eu acho que diferencia bastante o SS, que um... Porque é assim, é meio tosco, é meio bobão esse negócio de um monte de homem que se organiza numa fraternidade pra ir pra um bordel.

Tem um quê de tosco, mas o que aconteceu em 1993, largamente menos recriminado, é o que acontece hoje, é o que aconteceu pelo menos em 2014, 2013, nos últimos anos, em que um grupo que tem essas características que a gente vem descrevendo aqui, chega a tal grau de privatismo, que utiliza a universidade pública, o espaço da universidade pública, cedido pelo diretor com altos privilégios, porque tem muito poder, pra fazer isso no seu próprio quintal, utilizando um espaço que deveria ser da sociedade pra fazer a sua exploração.

Isso enganando as mulheres da própria entidade, que fazem a costura, eles não contam pra elas também, não é que as meninas da costura e do show e os meninos do show enganam toda a faculdade, não, os caras do show enganam toda a faculdade e a costura, e tem mulheres, dispõem de mulheres que vão fazer seus figurinos enquanto eles estão com prostitutas no teatrão.

Acho que essa é uma dimensão importante na dramaticidade disso.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu só queria pontuar uma coisa, pegando um pouco disso que o Alan falou, que eu, enquanto mulher, enquanto militante feminista, eu não vim aqui pra fazer o debate da prostituição e suas implicações morais, assim, eu tenho claro pra mim, isso é uma opinião pessoal, não é uma opinião do movimento feminista, nem nada, que existe uma linha muito tênue entre liberdade sexual e objetificação do corpo.

Mas não acho que é esse debate que tem que ser feito nas questões morais da prostituição em relação ao Show Medicina.

Eu acho que o debate que a gente faz é em relação à representação que isso adquire dentro do contexto do Show Medicina.

Quando que as mulheres aparecem no Show Medicina? Pra servir a eles, pra costurar pra eles de forma alienada, e pra transar com eles, pra ser objeto sexual deles.

Não interessa se essas mulheres que transam com eles são prostitutas ou não são, mas são os dois contextos em que a mulhere aparecem no Show Medicina.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas quem introduziu o conceito de prostitutas são vocês, eu to aqui só perguntando...

O SR. ALAN BRUM – Não, sim...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que na verdade eu estou falando pro deputado, mas eu estou respondendo ao Alan.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah bom.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – O debate não é esse.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Esse ano quem vai ser interrogado aqui sou eu! Pelo amor de Deus, vamos lá vai.

Chegou o negócio do Show Medicina aí? Chegou o DVD?

A AUDIÊNCIA – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Chegou o DVD do Show Medicina? Vamos lá? Vamos ver? Vamos ver as partes, então.

Pode pegar, pode pegar tudo aí, pode pegar.

Vamos lá ver o Show Medicina então, de frente, vamos ver as partes mais...

Muito obrigada, querida.

A SRA. – Muito obrigada pela atenção.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, muito obrigado. Obrigado, querida.

O VÍDEO

O CORO – *Vamos fazer diferente (ininteligível), somos do Show Medicina, me alucina e me fascina.*

(Ininteligível) a alegria foi tanta que (Ininteligível), na aula eu bocejo, (Ininteligível) mas hoje eu vou ensaiar, (Ininteligível).

Música

* * *

A AUDIÊNCIA – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Esclareço.

Então, essas são minhas conversas com o Rodrigo, que foi diretor geral do show em 2013, e eu resolvi expor essas conversas para a CPI porque os depoentes que vieram aqui representando o Show Medicina negaram tudo.

E nessas conversas eu tenho uma pessoa que fez parte do Show Medicina, foi liderança...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.) Vamos ler pra gravar, vai.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Pode subir um pouco?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pode subir.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, não assim. Desce então, ao contrário, mais pra lá... Mais.

Então, daí, dá pra começar por aí, eu acho, está escrito, o Rodrigo escreveu “Ele trouxe essa ideia no ano da diretoria dele.”, se referindo ao Sorocaba, o Flavio Miorin.

“No começo eu até entusiasmei, da primeira vez que aconteceu eu achei um fracasso.”, se referindo à prostituição.

Eu perguntei em que sentido ele tinha achado um fracasso e a resposta foi “Mas pensei que tudo tinha perdido o controle, que tinha sido só daquela vez, não sei, eu nunca achei que as mulheres sofressem, mas achava um pouco chocante.”

Daí ele tira um sarro, daí “Não era nada como no filme, [Esse é o filme “De Olhos bem Fechados”, do Stanley Kubrick, que tem um ritual com prostituição também.] depois teve a segunda vez, que eu briguei feio com o Soroca.”

Eu perguntei porque eles brigaram, e ele falou que achou que tinha sido escrotice. É... Desce mais.

Ele falou que ninguém tinha gostado, que era pesado com as meninas, que não tinha sido só um *Streep tease*, ele achou que as pessoas iam concordar com ele, mas que não concordaram e depois ele foi diretor.

E que, quando se discutiu o assunto, só ele tinha essa opinião, que o Silvio não colocava a opinião dele, e ele acabou cedendo, continuou, ele manteve o ritual de prostituição.

Eu perguntei de outros membros do show que tenham posicionamento mais progressista e daí nesse trecho ele fala que eles não se colocavam, que teve gente, membros do show, que iam embora durante os SS, mas nunca colocavam que achavam o ritual em si absurdo.

Daí, depois disso, ele fala que, quando ele assumiu a diretoria ele tentava podar as coisas, mas existia uma pressão do grupo e ele acabava sempre cedendo.

E nessa parte é mais ou menos isso, essa conversa, esse trecho da conversa, é basicamente ele contando como que começa a prostituição dentro do show, que foi aquilo que a gente já expôs aqui, que foi com o Sorocaba, que antes era só uma apresentação de *Streep tease*, e ele admitindo que, quando ele foi diretor, ele não conseguiu acabar com essa prática, por causa da pressão que o grupo exercia sobre ele e ele acabou cedendo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, isso era eu que estava falando, que existe uma dinâmica dentro do show, que os caras pressionavam e que ele acabou não podando.

Olha lá, e aí ele admite que ele tinha medo de perder o intercâmbio dele ou ser jubilado, por causa do caso do SVO, que é do Leonardo Turra, que veio depor aqui semana retrasada, e do extintor, que foi aquele caso que a gente relatou, que eles esvaziaram os extintores dentro de um anfiteatro da faculdade, danificaram o equipamento e tal.

E daí ele falando de novo que ele fez o que esperavam dele como liderança do show medicina, que era manter essas práticas.

É... Nessa conversa, é só isso, eu acho.

É, ele fala que ele não considera as pessoas do show, ele usa o termo escrotos, pessoas ruins, mas que a situação que se desenvolveu de um modo ruim, então ele admite que é um pouco ruim, “Que não encaro essas coisas como privilégios.”

Que a gente coloca isso, que o show é uma instituição muito privilegiada dentro da faculdade, e aí ele fala “Em um dia não define 60, os outros 59 dias não são rituais misóginos, não são nem rituais.”

Apesar dele tentar fazer uma defesa dos outros 59 dias, eu queria pontuar aqui nessa frase dele que ele acaba admitindo que existe pelo menos um dia que é um ritual misógino e se existe um dia, já não é aceitável.

Pode baixar mais.

A AUDIÊNCIA – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tem mais aí? Abaixa que tem mais conversa. Isso já foi, ah, espera, essa parte é em relação a outras coisas que aconteceram no show.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, sobe mais um pouco.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Fez.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA, MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, não é essa parte, abaixo.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.) Tá dando pra ler?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tá, mais ou menos.
É que tinha um texto gigante antes dessa conversa que ele admitia várias coisas que aconteceram.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA. SARAH MUNHOZ – PCdoB – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Cadê o original que eu grifei?

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, pega do *whatsapp*, Alan.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Volta na pasta.

O SR. ALAN BRUM – É isso?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É. E procura o...

A SRA. – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Cara, eu não sei mexer nisso daqui. (Ininteligível) é um pen drive.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Qual que é o pen drive?

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA. – Dá um F5.

O SR. ALAN BRUM – Oi?

A SRA. – Dá um F5, que aí o seu pen drive (Ininteligível).

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

A SRA. – Tá aí?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Koba...

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível) isso daqui.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Cadê o...

O SR. – (Inaudível.)

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.) Não to achando o pen drive aqui.

O SR. – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Coloca.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Espera só m minutinho, tem o celular do (Ininteligível) aí?

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Só no gabinete?

O SR. RICARDO KOBAYASHI – É, eu não vou ter aqui mesmo. Fabi, tá bom? Pode deixar, tá bom. Obrigado, tchau, tchau.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É o Fabiana?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É essa pasta?

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Fabiana.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não é essa.

A SRA. – (Ininteligível.)

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Eu ligo pra ela, espera aí.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Aqui!

O SR. RICARDO KOBAYASHI – (Ininteligível.)

O SR. ALAN BRUM – Não dá pra ser aquilo. (Ininteligível.)

A SRA. – Quer agora?

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Não, deixa.

O SR. ALAN BRUM – Oi?

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Não, pedi pra ligarem (Ininteligível.) tava bloqueado.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês conversaram a madrugada inteira, hein?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, isso foi durante o dia. (Risos.) Tem os horários aí.

Isso são vários dias de conversa, não é um dia só, são meses de conversa, na verdade.

A SRA. – Dá um control F.

O SR. ALAN BRUM – Eu não sei como é, ela falou pra procurar uma coisa amarela.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, eu grifei essas partes.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Putz.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Aí! Então, esse caso foi um texto que eu tinha recebido sobre uma possível assembleia que o Show Medicina faria e houve uma confusão, porque na verdade era uma reunião de uma das comissões, e eu mandei pra ele, porque eu sabia que ele era do show, e eu queria um esclarecimento, daí, se der pra descer, isso é só pra... E...

O SR. ALAN BRUM – Desce, né?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, até ficar... Então, essa parte que é importante. Que ele diz que ele nunca respondeu as minhas acusações ao show, porque ele acha que várias delas têm razão. Segue mais.

E aqui ele fala de novo de estar encarando a perspectiva de estar enfrentando jubramento como real, que o Silvio teve a oportunidade de fazer um show diferente e

ele não teve essa oportunidade, então aqui é mais uma vez, quando o Adriano pergunta como eles estão se sentindo, eles sabem que eles estão fazendo algo gravíssimo, eles encaram a possibilidade de jubileamento.

O SR. – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.) É, eu preciso, porque é muito sério, eu não posso deixar (Ininteligível).

O SR. – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Eu estou terminando (Ininteligível).

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Aqui é se referindo a primeira Audiência Pública que teve.

Ah, então, e daí eu perguntei a que ele estava se referindo, quem que foi cutucar, que a única referência mais clara que tinha sido feita a ele na primeira Audiência Pública poderia ser identificada, porque conhecia a história do depoimento do Iuri.

Daí, depois, desce mais um pouquinho, daí ele achou que o Iuri, quando contou aquelas histórias que ele foi perseguido depois que ele saiu do vestibular, ele achou que o Iuri estava falando do Sorocaba, e aí depois ele admite que, quando o Iuri saiu do teatro e que alguém foi ameaçar o Iuri de suicídio social se ele contasse alguma coisa do que tinha acontecido no vestibular do show, ele admite que foi ele quando saiu do teatro, mas não fala, diz que não chamou ele de veadinho.

E que depois quem perseguiu ele nas semanas subsequentes foi o Sorocaba.

Então, eu acho que esse ponto é importante, porque uma das coisas que os homens do show vêm aqui e negam, é que existe a perseguição e que eles não ameaçam as pessoas de suicídio social, mas nesse trecho da conversa ele ameaça.

Ele admite que houve ameaça, sim, e que o Iuri saiu do teatro no dia do vestibular, e que nas semanas seguintes foram atrás dele para ameaçar e garantir o silêncio.

E isso daí sou eu, falando de ameaças de suicídio social. E aí, o que vem depois é que ele fala que quem deveria sentir vergonha de andar na rua era ele e que, aliás, ele está sentindo.

Isso foi depois das denúncias feitas depois da primeira Audiência Pública, no dia 11 de novembro do ano passado.

O SR. – Tem mais?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tem. Aí é ele falando que se o show não mudasse em nada ele não levaria, não continuaria no show, e falou que talvez saísse mesmo se não mudasse.

E aí ele fala das questões mais pessoais dele, que tem a questão do pai dele, que o pai dele não sentiria orgulho das práticas dele no show, tem a questão com a mãe dele, a história da prostituição, então, aí, admitindo mais uma vez que existe prostituição.

E aí, depois, eu falo como é simbólico uma pessoa que é diretor, que foi diretor, sair do show, e daí ele fala que se ele se coloca contra o show, nenhuma... A palavra dele não vai valer nada, no sentido de uma mudança.

E daí eu acho que evidencia, mais uma vez, como o show é fechado, como o show não quer mudança.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, ele fala que... Essa conversa que eu estava tendo era sobre perspectivas de mudança no show.

Foi logo depois da primeira Audiência e estava sendo organizada uma reunião, e o show queria falar sobre mudanças que ele faria, que talvez dar mais espaço para as mulheres, etc., etc., etc.

E aí, no meio dessa conversa, ele começa a falar que talvez ele não fosse continuar sendo membro do Show Medicina, agora, em 2015, e daí ele diz que se ele colocasse isso para o grupo, que ele não iria continuar sendo membro do Show Medicina, a opinião dele, dentro do show, imediatamente pararia de ter alguma importância, apesar dele ser o membro que esteja numa hierarquia mais alta possível.

Se ele indicasse que talvez ele não fosse continuar no show, a opinião dele passaria a valer nada e eu acho que isso é um pouco indicativo da organização do show,

como ela é muito centrada em si, como ela não quer dar esclarecimentos ao público e nem a comunidade universitária.

Aqui ele falando que ele gostou que uma das reportagens que saíram, esse caso é reportagem que saiu no “Ponte”, que ele gostou que a reportagem não focou na história da prostituição, então, de novo, admitindo que, sim, há contratação de prostitutas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É a da “Piauí” saiu mais recentemente, eu já não estava mais falando com ele.

Não, essas partes não. Pera aí, o quê que é isso?

Ah, então, aí começam... Aí começa uma parte que ele vai falar de várias características do show e o que suscitou essa conversa foi uma reportagem que saiu na “Carta Capital.” Pode descer um pouco mais, aí!

Daí ele falou que leu o texto, tal, tal, tal, que ele ficou confuso, mas que ele estava confuso em relação à culpa dele, ao quanto ele se encaixa nisso, que ele entende a questão do vestibular, que a gente coloca as opressões que são manifestadas no vestibular do show, mas que ele não achava que isso seria expandido para a formação profissional dele, que ele achava que era humano com os pacientes.

Isso são considerações minhas, não, não é isso que eu quero mostrar. Espera, sobe mais, mais, não, você está voltando, é pra avançar. Tá, aí.

E daí é ele falando sobre o show, “O fato é que as divergências eram tratadas com desprezo pelos mais velhos, mas as pessoas com ideias diferentes estavam no show até o ano passado. Esse ano alguns saíram e os que entraram depois, com essas idéias, não quiseram prestar, mas sempre via o espaço da Direita como sendo a Atlética, não existia um espaço da Esquerda, o CAOC era bem estranho, burocrático.

O show se aproximava um pouco disso nessa época.

Tudo bem que bem pouco, mas era o que havia.

Dizem que, quem não se move em um trem em movimento escolhe um lado, mas achei que fiz coisas para frear o trem. Lembro de me sentir orgulhoso ano passado, quando um sapo ficou duas horas brigando comigo, porque quase não tínhamos falado de cubanos, porque eu tinha inibido esse tipo de piada o quanto pude.

Claro que depois disseram que o meu show teve piadas xenofóbicas, mas, quando aconteceu, eu achei que o trem ia mais devagar.”

É... Depois “Lembro de brigar horas com o sapo que agrediu o calouro.”

Que ele está se referindo a um episódio que um sapo, durante o vestibular do show medicina, deu um soco em um calouro.

“Lembro de gritar com o coral quando aconteceu o acidente do Alan, de não conseguir proibir o negócio naquele dia. De fazer tudo de novo no acidente do Nicini e conseguir.

Lembro de tentar tirar o Scalisa do quadro.”

Então aqui, esse ponto eu queria ressaltar muito, além deles admitirem que o que aconteceu com o Alan realmente foi durante o coral, isso era uma prática do show, eu queria destacar a parte do Scalisa, que eles insistem em dizer que o quadro não foi feito pro Scalisa, que era uma representação genérica, que era uma alegoria, e aqui está claro, leem que é pra tirar o quadro do Scalisa, que era o Scalisa, era uma representação do Scalisa.

“Lembro de ter dado certo e depois errado, lembro de dizer sobre o quadro goi estar podado.”, que é como a gente já expôs a apresentação do Show Medicina do ano passado, ela foi inteira homofóbica e de escracho dos coletivos.

“Lembro de ter pesadelos em época de vestibular, lembro de ter tido centenas de pesadelos e essas coisas me aliviavam a consciência até a audiência, mas o que aconteceu lá me diz não importa, não foi suficiente, se os motivos eram egoístas, perto do que fizemos você não fez nada, terá que pagar por não ter feito o suficiente.

Sei que me ausentei muito quando tudo pegou fogo, mas tive medo.

Lembro do que disse pro Augusto quando conversei com ele logo que cheguei, não sei se ele se lembra, disse que tudo o que eu tinha investido numa geração que pensava diferente ia por água abaixo, pelo menos dentro do show.”

Então, esse é um trecho que ele admite muitas coisas.

A AUDIÊNCIA – (Inaudível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É a parte mais importante, que ele fala sobre os trotes, ele fala, ele admite que o quadro foi para o Scalisa, ele admite que o show tem um conteúdo preconceituoso em diversos aspectos, ele admite que o show tem um pensamento retrógrado, ali no final, então ele...

Esse trecho, assim, não fala da prostituição, já foi exibido, mas confirma, praticamente, todas as denúncias que nós fizemos.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – (Ininteligível.)

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – “Sei que me ausentei muito quando tudo pegou fogo, mas tive medo.”

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É que tudo começou a pegar fogo, na verdade, pegar fogo que a gente diz, das denúncias começaram quando ele estava na Holanda, o ano passado.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Ele voltou no meio do ano e daí, logo que ele voltou, ele tentou se ausentar das discussões, não participou tanto e tal, eu acho que é a isso que ele se refere.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá, mas qual é a conclusão disso “Que tudo o que eu tinha investido numa geração que pensava diferente ia por água abaixo, pelo menos dentro do show.”

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Dentro do show, ele acha... Então, o Rodrigo, ele se coloca como uma pessoa que tem um pensamento progressista, de Esquerda e, assim, o show não era uma instituição...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não era, né?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Progressista, não é uma instituição de Esquerda, muito pelo contrário, é uma instituição conservadora.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – É.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Mas ele tem pra ele que ele investiu nisso no show, de tornar o show mais progressista.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi, pra não tornar pior, que falava de cubanos...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É essa coisa, de tentar fazer menos piadas com cubanos, mas assim, deixando claro que as piadas com cubanos foram feitas da mesma forma e ele achava que ele tinha conseguido mudar alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Entendi.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E que, quando ele voltou do intercâmbio, ele viu que na verdade ele não tinha mudado nada...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Legal.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – E que o show continuava conservador da mesma forma.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – É, acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tem mais alguma coisa?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Tem, um pouquinho mais pra baixo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Mas é bem pouco.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Não, isso daí nós já vimos, não?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Não, espera, passou, aí.

Aí é ele falando novamente sobre o acidente do Alan, que depois, na mesma semana, eles aplicaram o mesmo trote em mais dois calouros do coral.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Meu Deus.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, daí o Caio, que também veio depor, e o Nicini, que é o Murilo Germano, que também veio falar aqui já.

E eu falando, que eu preferia que nunca tivesse acontecido e tal, e ele fala que ele tentou proibir, que ele não estava presente em nenhum dos dias.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – “Proibi e fui ignorado, me culpa um pouco por isso.”

A SRA. MARIA RITA MENCACCI COSTA – Sim, é isso, exatamente.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, tem mais alguma coisa, Renatinha?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Eu acho que depois, mais pra frente, tem mais alguma referência ao Iuri e ao Scalisa, que foi depois da apresentação do show, que ele fala que ele se sente mal.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me recupera o...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Ah...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Hã?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Isso daqui é interessante.

Isso daqui mostra uma relação interessante entre o show e a diretoria da Faculdade de Medicina.

Nesse trecho da conversa, eu não lembro como que exatamente surgiu esse assunto, mas ele começa a falar sobre financiamento do show e depois ele entra, ele começa a falar um pouco sobre como que eles fizeram o CNPJ do show, e depois de um tempo ele me conta que quem pediu que o show fizesse um CNPJ foi a diretoria da Faculdade de Medicina, e que esse CNPJ foi feito.

O pedido da diretoria da Faculdade de Medicina foi porque eles tinham conhecimento das atividades do show e eles tinham medo que estourasse algo como uma Audiência Pública, uma CPI e que gostaria que o show respondesse por si e não...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde que tá?

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Aqui, olha.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ah... Agora que eu entendi tudo.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – “Seria bom algo ser provado...” Olha, aqui.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Meus Deus do céu... Agora que eu entendo porque tem tanto advogado aí. Muito bem, esclareceu, agora está claro.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Então, eu acho esse trecho...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – CNPJ...

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Interessante por causa disso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Meus Deus do céu.

A SRA. MARIA RENATA MENCACCI COSTA – Que mostra a relação da diretoria, na verdade, como elas são bem promíscuas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Nossa, você matou a pau, isso eu não sabia, vou ter que ler com todo o cuidado, vai ter que imprimir isso, ler linha por linha.

Olha! Meu Deus do céu, agora eu entendi.

A SRA. MARIA RITA MENCACCI COSTA – É basicamente isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Obrigado, Renata.

Alan, obrigado. Obrigado a todos.

Eu tenho que responder ao “Estadão”, que tem uma bucha aí.

O SR. – (Inaudível.) Um e-mail que passaram errado.

AO SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quem passou?

O SR. – Não sei. (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá escrito isso aqui, não tá? Não tá em lugar nenhum?

Então vamos esclarecer, vamos lá, tchau.

A sessão está encerrada, obrigado.

O SR. ALAN BRUM – Hoje eu fui no HC, pra pegar o laudo do meu TCE e, aparentemente, o Silvio, quando ele falou, porque o Silvio me acompanhou no hospital e tudo o mais, ele falou que tinha um intervalo grande de 10h, sei lá, uma coisa assim, e eu não tive acesso ao laudo.

Pedi e chega em 20 dias, mas eu acessei por um... Pedi pra um médico acessar pra mim e de fato há um grande intervalo, tipo 10h, entre as minhas duas tomografias, só corrigindo.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você esclarece um pouco melhor?

O SR. ALAN BRUM – Sim, eu me comprometo a mandar o laudo, mas chega em 20 dias.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tá bom, tá bom, por favor.

O SR. ALAN BRUM – (Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Desculpa, tá?
A sessão está encerrada.

* * *